

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA

Jeferson Sabino Candaten

TERREIRO NA AVENIDA:
Relações entre o carnaval e as religiões afro-brasileiras em Passo Fundo/RS
(2000 - 2015)

Passo Fundo/RS

2018

Jeferson Sabino Candaten

TERREIRO NA AVENIDA:

**Relações entre o carnaval e as religiões afro-brasileiras em Passo Fundo/RS
(2000 - 2015)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação, apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Gizele Zanotto

Passo Fundo/RS

2018

**Aos meus pais, Olímpia e Roberto,
com amor e gratidão.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha mãe, Olímpia, matriz de minha vida e referência maior de meus passos. Sua força e obstinação me inspiram, da mesma forma que me encanta sua ternura. Obrigado por ser além de mãe, uma amiga.

Agradeço a meu pai, Roberto, pelo apoio e confiança creditados em mim.

A meus irmãos, Jéssica e Yuri e a meu sobrinho Igor, fontes inesgotáveis de amor e alegrias, minha gratidão.

Essa caminhada não teria sido tão graciosa sem as pessoas amigas que encontrei. Obrigado a todas e todos por terem compartilhado comigo suas histórias. Foram muitos momentos de alegria, reflexão e aprendizados que certamente levarei para toda a vida. Aqui destaco Júlio César Fonseca Carvalho, amigo e militante do movimento negro.

À Profa. Dra. Gizele Zanotto, orientadora deste trabalho e de toda minha trajetória no grupo de pesquisa em História das Religiões e Religiosidades (HRR) e no Laboratório de Estudo das Crenças (LEC/PPGH/UPF), meu muito obrigado. Para mim és uma referência enquanto profissional e pessoa - companheira e justa. Obrigado pela amiga que és.

Agradeço também aos colegas do LEC – Laboratório de Estudo das Crenças e do projeto de extensão UPF e os Movimentos Sociais: o desafio das relações étnico-raciais, pela relação fraterna e enriquecedora – tanto intelectual quanto sentimentalmente - que tivemos nestes anos.

À Mãe Carmem Holanda, meu carinho e gratidão pelos conselhos e cuidados que teve com esse “filho-de-santo” arredio. *Adupé*, minha mãe!

Meu sincero *adupé* a Pai Duda do Ogum (Babá Akinelé), babalorixá profundamente comprometido com a luta pela garantia do direito à liberdade religiosa. Obrigado pela confiança e gentileza em ter aberto as portas de seu *egbé* para mim.

Também sou imensamente grato à Mãe Sônia do Xangô, Mãe Isabel de Iemanjá, Mãe Iarandasan da Iansã, Pai Igino do Ogum, Pai Deko da Oxum, Pai Baddy da Oxum, Mãe Maria da Graça da Oyá, Pai Valdomiro de Oyá, Mãe Jane do Odé, Pai Andrei do Ogum, Mãe Marlene de Oyá, Pai Gilvan da Iemanjá e tantos outros pais e mães de santo, bem como filhos de santo, por terem contribuído de tantas formas com esse trabalho, inclusive abrindo as portas de suas casas – *ilês* - para mim. Com vocês aprendi de coisas que não se encontram nos livros. *Adupé!*

*Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apresseem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.*

Conceição Evaristo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Filha-de-santo no Rio Guaíba no dia de Oxum.	18
Figura 2. Representação dos 12 Orixás mais cultuados no Rio Grande do Sul.	20
Figura 3. Ritual de Umbanda na beira do Guaíba.	25
Figura 4. Ritual de Quimbanda.	29
Figura 5: Desfile das escolas de samba de Passo Fundo.	44
Figura 6: Desfile das escolas de samba.	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados sobre as divindades cultuadas pelo batuque	21
Tabela 2: Dados sobre as divindades cultuadas na umbanda	26
Tabela 3: Dados sobre as divindades cultuadas na quimbanda.....	29

LISTA DE SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LIESPF - Liga Independente das Escolas de Samba de Passo Fundo

RioTur - Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro

SBC – Sociedade Beneficente e Cultural

SEDEC - Secretaria de Desporto e Cultura

SERC – Sociedade Esportiva, Recreativa e Cultural

SERCB - Sociedade Esportiva, Recreativa, Cultural e Beneficente

SETUR - Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Desporto

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO RIO GRANDE DO SUL	14
1.1 - BATUQUE: UM RIO GRANDE DO SUL DE <i>NAÇÃO (ÕES)</i>	18
1.2 - AFRO (E) (-) BRASILEIRA: A UMBANDA NO EXTREMO-SUL DO BRASIL	23
1.3 - QUIMBANDA: A ENCRUZILHADA CULTURAL	27
1.4 - “PASSO FUNDO, TERRA DE GENTE DE TERREIRO”	31
CAPÍTULO 2 – CARNAVAL: A ENCRUZILHADA ENTRE A INVERSÃO DA ORDEM E A INTEGRAÇÃO SOCIAL	36
2.1- ESCOLAS DE SAMBA: DOS BLOCOS À APOTEOSE	40
2.2 - SAMBAS-ENREDO: A IDEIA CANTADA NA AVENIDA	42
2.3 - DO ENTRUDO ÀS ESCOLAS DE SAMBA: SOBRE OS CARNAVAIS PASSOFUNDENSES	44
CAPÍTULO 3 – AGÔ! ABRAM ALAS QUE O TERREIRO VAI PASSAR	48
3.1 - É REZA, SAMBA E PONTO DE MACUMBA: SAMBAS ENREDO DOS DESFILES DAS ESCOLAS DE SAMBA DE PASSO FUNDO (2000-2015)	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59
ANEXOS	63

INTRODUÇÃO

Em geral os estudos sobre as religiões afro-brasileiras no Rio Grande do Sul compreendem o referido campo religioso como uma encruzilhada de três caminhos distintos, não obstante percebe-se vários pontos de encontro no decorrer de suas trajetórias, sendo eles da umbanda, da linha cruzada (quimbanda) e do batuque¹. São as principais religiões herdeiras de matrizes africanas deste Estado que, no último Censo Demográfico do IBGE se mostrou mais religiosamente afro-brasileiro que qualquer outro do Brasil².

A ideia de uma inexpressividade de mão de obra escravizada no Rio Grande do Sul, sobretudo na região Norte do Estado, é uma tese que não se sustenta. Esse discurso amplifica o ruído estridente das correntes de outrora que ainda na atualidade não permite reconhecer a contribuição das populações africanas e afrodescendentes escravizadas para a história sul-rio-grandense³. Contudo, estudos sobre as religiões afro-brasileiras, sobre o samba, o Carnaval e outros aspectos da cultura afro-rio-grandense vêm *escurecendo* nossos olhares para que finalmente enxerguemos a realidade como ela de fato é.

As africanidades, os jeitos de ser e de viver a negritude, mesmo que em condições díspares e desiguais em relação à população branca, constroem as identidades negras e conseqüentemente, a identificação local⁴. A religiosidade e o Carnaval seriam os dois grandes pilares da cultura afrodescendente no Rio Grande do Sul, conforme a sabedoria popular. Todavia, as religiões de origens étnicas negras e as festividades carnavalescas afro-brasileiras não se limitam a ser vivenciadas apenas pela população afrodescendente. Escolas de samba e terreiros de batuque, umbanda e quimbanda, por exemplo, estão abertos a todos e todas, sem distinção étnica. No caso das religiões afro-brasileiras, tema do Capítulo I, essa abertura aos não negros é denominada processo de universalização⁵. Essa expansão dos horizontes ultrapassou, inclusive, as fronteiras nacionais⁶.

A terminologia religiões de matriz africana diz respeito às diferentes origens e nações africanas presentes no Brasil, sejam elas Oyó, Jeje, Ijexá, Jeje-Ijexá, Cabinda, Nagô, Nagô-

¹ ORO, Ari Pedro. Atual campo afro-religioso gaúcho. *Civitas*, Porto Alegre v. 12 n. 3 p. 556-565 set.-dez. 2012.

² Assunto desenvolvido no Capítulo I.

³ SILVA, Petrolina Beatriz Gonçalves e. Africanidades Sul Riograndenses. In: QUEVEDO, Julio; ROCHA, Aristeu C. da. (Org.) *Africanidades: Reflexões afro sul brasileiras*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2016. p. 06.

⁴ Idem. p. 07

⁵ PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. *Civitas*, Porto Alegre: PUCRS, v.3, n.1, p. 15-34, jun. 2003. p. 30.

⁶ ORO, Ari Pedro. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, ano 24, n. 2, p. 345-384, 2002. p. 363-364.

Egbá e Ketu, assim como não distingue candomblé, batuque, tambor-de-mina, xangô, umbanda e quimbanda. Também é comum encontrarmos a terminologia *religiões afro-brasileiras* referindo-se às mesmas organizações religiosas. No decorrer desse trabalho utilizaremos principalmente esta segunda categoria aglutinadora – religiões afro-brasileiras - quando nos permitirem as questões relativas às especificidades de cada religião. Uma problemática que envolve a maioria dessas crenças, um dilema não só da umbanda ou do batuque, nem só da quimbanda ou do Oyó, mas das religiões afro-brasileiras, é a intolerância religiosa. A intolerância se alastra em relação a todos que professam a fé nos orixás, sendo estes estigmatizados⁷ como os *macumbeiros*. A intolerância religiosa, a falta de reconhecimento e respeito à crença do outro se coloca como barreira para a paz mundial e fere os Direitos Humanos. A intolerância à diversidade do crer, segundo pesquisa realizada na Baixada Fluminense nos anos de 2010 e 2011, se alastra por diferentes espaços sociais como o ambiente familiar, local de trabalho, escolas, universidades e espaços públicos⁸. Estudos mais recentes vêm defendendo também o conceito de racismo religioso, partindo do pressuposto de que a discriminação sofrida pelos adeptos dessas religiões é, antes de mais nada, orientada por concepções pré-conceituosas e discriminatórias com os negros e sua produção cultural.

Os Carnavais, *enredo* dos capítulos II e III, principalmente os alinhados às raízes afrodescendentes, passam por um outro processo de universalização, a chamada integração social. Esta concede à festa carnavalesca ares de todas as cores, propiciando uma experiência singular na sociedade brasileira. Contudo, enquanto em alguns lugares do Brasil os carnavais de escolas de samba – este que se configura na integração social – são venerados e anunciados como grandes eventos, sobretudo, por seu potencial de arrecadação, em outras localidades do país a festa vem sendo sufocada com cortes de verbas públicas e sua desmoralização pela mídia.

Podemos perceber em Passo Fundo uma estreita relação entre as crenças afro-brasileiras e as escolas de samba, objeto de análise do Capítulo III. Durante o Carnaval os agentes dessas religiões divulgariam seus agentes espirituais na avenida, de uma forma peculiar, não vista em outras épocas do ano. Notamos que durante os Carnavais de 2000 a

⁷ GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

⁸ ROCHA, José Geraldo da; PUGGIAN, Cleonice; RODRIGUES, Luana. Religiões de matrizes africanas: dilemas da intolerância na contemporaneidade. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 12, n. 20 p.145-164, jul/dez. 2011.

2015 algumas escolas de samba adotaram como enredo de seus desfiles, temáticas que perpassam pelos domínios das religiões afro-brasileiras, quando não faziam delas o tema principal.

Com a análise dos enredos das escolas de samba – publicados nos livretos de Regulamento Geral, Histórico e Enredo das Entidades - pretendemos contribuir com os estudos historiográficos sobre as tradições afrodescendentes em Passo Fundo, de modo em que entendemos como importante dar visibilidade aos sujeitos que fazem parte dessas polêmicas e “esquecidas” histórias passo-fundenses – a do carnaval e a das religiões afro-brasileiras.

CAPÍTULO 1 – AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO RIO GRANDE DO SUL

*Vinham pelos caminhos, ruas e
encruzilhadas abertos por Bará
ante a oferenda do galo, do
milho ou do cabrito quatro-pé.*

*Vinham pelos caminhos
Atendendo ao chamado de um
tambor que bate dentro de seus
próprios peitos: tuc-tuc-tuc*

*Vinham pelos caminhos
- pele magnética -
atraídos ao imã ancestral*

*Vinham
- caules decepados -
nutrir-se nas raízes.*

*"No caminho da casa-de-nação"
(Oliveira Silveira)*

Era noite de sábado, feriado de Tiradentes. Dois dias antes da data consagrada anualmente ao orixá Ogum pelos adeptos das religiões afro-brasileiras. Filhos de santo se reuniam em um dos tantos terreiros de Passo Fundo. O patrono do terreiro é Ogum, o orixá guerreiro do batuque. O verde e o vermelho, cores do orixá, estavam presentes nos trajes (axós), nas cortinas do quarto de santo e nos fios de contas (guias) envolto aos pescoços. Tratava-se de uma festa, um batuque. A roda já havia começado. No grande salão foram formadas duas rodas, uma maior, com cerca de quarenta pessoas e, dentro desta, outra menor. Em sentido anti-horário, as pessoas dançavam para o orixá Bará que, conforme a tradição era o primeiro a ser saudado. Dois tamboreiros (alagbês) conduziam os cânticos sagrados que, em língua(s) africana(s), eram respondidos pelos integrantes da roda. Na dança, o rito imita o mito. As histórias sagradas dos orixás são representadas pela coreografia. Na dança de Bará, como se estivessem abrindo portas com uma chave, símbolo do orixá, as mãos fechadas vão, coordenadamente, girando pelo ar, movendo-se na altura entre o quadril e a cintura. Mais pessoas chegavam, e essas eram recepcionadas em frente ao quarto de santo pelo babalorixá (pai de santo) da casa e sua iyalorixá (mãe de santo). Após as saudações básicas, como bater cabeça para o quarto de santo e cumprimentar os anfitriões beijando-lhes as mãos (sinal de respeito ao orixá da pessoa), integravam a roda. As rezas para Bará terminam e as de Ogum

começam a ser cantadas pelos tamboreiros. A roda saúda o orixá. A dança da chave é substituída pela da espada e da lança (símbolos desta divindade). Os filhos de santo pronunciam a saudação “*ogú-nhê*” (Salve Ogum) a todo o momento, até que são surpreendidos com uma queima de fogos coloridos, principalmente, verdes e vermelhos, que ocorria do lado de fora da casa. A roda não para, muito pelo contrário, parece ganhar ainda mais fôlego⁹. A transmissão termina.

A descrição da festa de Ogum não foi feita a partir de uma visita de campo. O ritual fora assistido através de uma transmissão ao vivo. O batuque a que nos referimos contou com uma cobertura via Facebook. Praticamente 25min do ritual foram filmados¹⁰. Como se sabe, durante o batuque ocorre a possessão dos cavalos de santo (aparelhos) pelos orixás, o que a tradição batuqueira não costuma permitir que seja filmado, nem fotografado¹¹. Talvez por isso não tenhamos conhecimento de nenhuma gravação de um ritual completo.

As religiões afro-brasileiras e seus agentes acompanham as transformações sociais à sua maneira, como no caso das filmagens no batuque. Iniciamos desta forma este primeiro capítulo pois este estudo, no que tange a história das religiões afro-brasileiras em Passo Fundo, se encontra entre um dos poucos já realizados. Tanto as transformações mais recentes quanto as origens históricas das casas de culto da cidade poucas vezes foram abordadas pela historiografia local. Assim, o que nos cabe neste momento é discutir pesquisas desenvolvidas, sobretudo em Porto Alegre, por pesquisadores como Norton F. Corrêa, Ari Pedro Oro, entre outros. Entretanto, este trabalho irá apresentar também outros dados sobre as religiões afro-brasileiras, sendo estes específicos da realidade de Passo Fundo. A partir de fontes locais iremos discutir neste capítulo e, principalmente no terceiro, as manifestações destas crenças no município.

Em geral os estudos sobre o tema no Rio Grande do Sul vêm nomeando essas religiões como *afro-brasileiras*, *afro-rio-grandenses*, *afro-sul-rio-grandenses* ou até mesmo *afro-gaúchas* para se referir às religiões que formam o campo afro-religioso neste Estado¹². Comumente, estes trabalhos compreendem o referido campo religioso como sendo composto, principalmente, pela umbanda, a linha cruzada (quimbanda) e o batuque. Contudo, sabemos

⁹ Sobre a festa, também chamada de batuque, ver mais em: CORRÊA, Norton F. *O Batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-riograndense*. 3.ed. São Luís: Editora Cultura e Arte, 2016. p.111-120.

¹⁰ A filmagem foi disponibilizada ao vivo no perfil do Facebook da empresa Perfume de Axé que, na mesma rede social se apresenta como “Perfumes de Axé nossa fé registrada com arte. Festas, batuques e ensaios fotos exibidos com glamour”.

¹¹ CORRÊA, Norton F. *O Batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-riograndense*. 3.ed. São Luís: Editora Cultura e Arte, 2016. p. 18

¹² ORO, Ari Pedro. Atual campo afro-religioso gaúcho. *Civitas*, Porto Alegre v. 12 n. 3 p. 556-565 set.-dez. 2012.

da presença de outras religiões como o candomblé e o ifá no Estado. Neste capítulo iremos nos ater à umbanda, linha cruzada e batuque, pois, ao que se sabe, são as modalidades afro-brasileiras predominantes em Passo Fundo.

Nos Censos realizados pelo IBGE em 2000 e 2010, o Rio Grande do Sul se destaca como o Estado brasileiro com maior proporção de habitantes autodeclarados pertencentes às religiões afro-brasileiras. Os dados de 2010 indicam uma porcentagem de 1,47% da população do Estado como povo de santo, o que corresponde a 157.599 sul-rio-grandenses praticantes, em sua maioria do batuque, da quimbanda (linha cruzada) e da umbanda¹³.

Em seu capítulo intitulado “Africanidades Sul Riograndenses”, publicado no livro *Africanidades: Reflexões afro sul brasileiras*, Petrolina Beatriz Gonçalves e Silva discute sobre o tema a partir de uma pergunta que, segundo a autora, é típica de “brasileiros não familiarizados com as paisagens humanas do sul”: *há negros no sul?* No próprio Rio Grande do Sul existe a ideia de que os negros do Estado estariam todos europeizados¹⁴. Uma inverdade, já que tanto a literatura quanto as ruas, os terreiros e os barracões insistem em nos mostrar o contrário. A presença negra no Estado é bastante significativa e fundamental, tanto na atualidade quanto em tempos de outrora, seja pela força de trabalho ou sua influência na formação cultural sul-rio-grandense.

Segundo Assumpção, em seu texto “Caminhos da História: da África aos afrodescendentes no Brasil Meridional” sobre a presença das pessoas que foram escravizadas no extremo-sul do Brasil:

Eles (os escravizados) também se fizeram presentes no Brasil meridional. No Rio Grande do Sul, uma das províncias mais escravistas no século XIX, a principal atividade econômica que deu entrada aos africanos e seus descendentes foi a charqueadora. Porém não só, mas também em todas as atividades produtivas da sociedade sulista, tanto no mundo rural como urbano.

¹³ “De fato, são 157.599 indivíduos deste Estado, o que corresponde, a 1,47% da população total, que reivindicaram o seu pertencimento religioso afro-brasileiro. Esta porcentagem sobe para 2,52% se tomarmos como referência a Região Metropolitana de Porto Alegre e para 3,35% se nos restringirmos somente a Porto Alegre. Ainda segundo o Censo 2010, a porcentagem de pertencimentos afro-religiosos no estado do Rio de Janeiro baixou para 0,89 e da Bahia subiu para 0,34%, igualando a São Paulo, constituindo-se, Bahia e São Paulo como sendo o segundo e o terceiro estados com maior representatividade afro-religiosa. Os demais estados de reconhecida existência dessas religiões apresentaram os seguintes índices: Pará 0,07%, Maranhão, 0,06% e Pernambuco 0,14%”. Idem, p. 558.

¹⁴ SILVA, Petrolina Beatriz Gonçalves e. *Africanidades Sul Riograndenses*. In: QUEVEDO, Julio; ROCHA, Aristeu C. da. (Org.) *Africanidades: Reflexões afro sul brasileiras*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2016. p. 06.

A chegada dos primeiros africanos ao Rio Grande do Sul tinha como um dos objetivos garantir o domínio português na região, alargando fronteiras a partir de expedições que futuramente dariam origem às primeiras cidades da província ¹⁵.

E foi entre a igreja e a charqueada, entre o trabalho compulsório e a negação de sua cultura que o negro, ou melhor, os negros e as negras de tantas *nações* que vieram para o Brasil, desenvolveram uma cultura de resistência, enquanto mantinham e ainda mantém suas *africanidades*. As africanidades seriam os jeitos “de ser, de viver e de firmar sua humanidade em territórios hostis em que eram, os escravizados, e ainda, hoje, são seus descendentes maltratados ou ignorados”¹⁶.

Entre as formas de ser e de fazer a negritude esteve e persiste, a religiosidade. Entretanto, não só entre a população negra o batuque, a umbanda e a quimbanda se popularizaram. Há muito deixaram de ser religiões étnicas e adotaram um caráter (como observa Prandi no caso do candomblé) universal, ou seja, aberto a todos e todas ¹⁷. Sobre a presença de não negros nas religiões afro-brasileiras no Rio Grande do Sul, destaca Oro:

É praticamente impossível saber quando este encontro começou a ocorrer. Tudo indica, porém, que data ainda do século XIX, tendo aumentado nas primeiras décadas do século XX e se consolidado a partir da segunda metade daquele século, quando, então, há notícias de brancos que ocupam a condição de pais e mães-de-santo¹⁸.

A expansão das crenças afro-brasileiras não cessou por aí. A partir da década de 1960 nota-se o ingresso das religiões afro-brasileiras na Argentina e no Uruguai, sobretudo, através do Rio Grande do Sul. A transnacionalização dessas religiões criou redes de parentescos entre pessoas do Estado e de países do Prata. Desta forma é que vimos emergir *famílias de santo* transnacionais¹⁹.

¹⁵ ASSUMPÇÃO, J. E. Caminhos da História: da África aos afrodescendentes no Brasil Meridional. In: PINHEIRO, A. A. (Org.) *África e Afrodescendentes no Sul do Brasil*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2015. p. 15-64.

¹⁶ SILVA, Petrolina Beatriz Gonçalves e. Africanidades Sul Riograndenses. In: QUEVEDO, Julio; ROCHA, Aristeu C. da. (Org.) *Africanidades: Reflexões afro sul brasileiras*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2016. p. 07

¹⁷ PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. *Civitas*, Porto Alegre: PUCRS, v.3, n.1, p. 15-34, jun. 2003. p. 30.

¹⁸ ORO, Ari Pedro. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, ano 24, n. 2, p. 345-384, 2002. p. 361.

¹⁹ Idem. p. 363-364.



Figura 1. Filha-de-santo no Rio Guaíba no dia de Oxum (09 de dezembro). Ao fundo a Usina do Gasômetro, cartão postal sul-rio-grandense. Em primeiro plano, uma outra face do Estado, muitas vezes não reconhecida, uma mulher representando a deusa das águas doces. Foto de Mirian Fichtner. Disponível em: <http://especiais.ig.com.br/zoom/cavalo-de-santo-religoes-afro-gauchas/>; Acessado em 27/05/2018.

1.1 - Batuque: um Rio Grande do Sul de *nação* (*ões*)

Para a escrita deste texto sobre o batuque do Rio Grande do Sul foram imprescindíveis as leituras de Norton F. Corrêa e Ari P. Oro, as quais são a base desse. E, muito provável que texto algum tivesse sido feito por nós não fossem os convites e as visitas aos terreiros passo-fundenses. Não utilizamos, neste trabalho, da etnografia. Porém, nos parece que, neste caso, o contato com o *povo de terreiro* de Passo Fundo e da região foi fundamental ao pesquisador, mesmo não sendo estes encontros, em si, objetos de sua pesquisa. Sem dúvidas foram momentos de muito aprendizado sobre a história do batuque e sobre a vida.

A história batuqueira, ainda hoje, vive um dilema que é a imprecisão de dados sobre suas origens. Não há registros sobre as primeiras casas de culto, nem datas, nem locais. Por isso, quando se fala nas origens do batuque é inevitável que se adentre o terreno das suposições²⁰.

²⁰ CORRÊA, Norton F. *O Batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-riograndense*. 3.ed. São Luís: Editora Cultura e Arte, 2016. p. 47.

Sobre as origens étnicas do batuque, amparam-nos alguns registros. Sabe-se que a maioria dos escravizados trazidos ao Rio Grande do Sul era de origem banto, da região dos atuais Congo, Angola, República do Congo e Moçambique. São de origem banto os grupos étnicos mujolo, angola, benguela, ganguela, cassanje, rebolo, moçambique e cabinda²¹, sendo este último denominação de um dos *lados* do batuque. Além de bantos, foram trazidos sudaneses a então província. Estavam, entre eles, principalmente os povos jêje e nagô (iorubá), ambos denominações de nações batuqueiras. Mesmo que em menor número em relação aos bantos teria sido, principalmente, o modelo jêje-nagô que orientou a organização da religião dos negros no Estado. Entretanto, supõe-se que a participação de não-sudaneses fora fundamental para que a religião se desenvolvesse²².

Possivelmente, os primeiros templos teriam sido fundados em Rio Grande ou Pelotas, locais de grande concentração de sudaneses. Não somente estes, mas bantos e negros oriundos da Bahia e de Pernambuco se somavam à população, sendo estes dois últimos grupos também possíveis influenciadores desta incipiente religião, tendo em vista as semelhanças observadas entre o batuque e o xangô pernambucano. A produção de charque foi uma das principais atividades econômicas a empregar os escravizados no Rio Grande do Sul e seu declínio, por volta de 1850, teria ocasionado a migração dessas pessoas para outras regiões do Estado e, ao que tudo indica, expandindo o batuque no Rio Grande do Sul²³.

Esta religião é organizada em subgrupos denominados nações ou lados. Corrêa, em seu livro *O Batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense* escreve sobre as nações que encontrou durante sua pesquisa publicada em 1992. Além das cinco citadas abaixo, diz ter ouvido falar da existência passada das nações Moçambique e Oiá²⁴.

Chamam-se lados os grupos tribais africanos aos quais o filiado atribui sua origem étnica. Cada lado corresponde, teoricamente, a formas rituais diversas. Em Porto Alegre os filiados ao Batuque em geral falam na existência presente ou passada de cinco lados, a saber: oió, jexá (ijexá, a denominação oficial da tribo), jêjo (jêje), nagô e cambíni ou cambina (de Cabinda, porto e hoje país da África)²⁵.

²¹ RAMOS, Arthur. *Antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943. p. 436.

²² CORRÊA, Norton F. *O Batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-riograndense*. 3.ed. São Luís: Editora Cultura e Arte, 2016. p. 47.

²³ Idem. p. 39-56.

²⁴ Idem.

²⁵ Idem.

As diferenças ritualísticas entre as nações são mantidas até hoje, assim como o sentimento de pertencimento a uma ou outra nação é notoriamente reivindicado pelos adeptos. O reconhecer-se enquanto nação cria uma conexão direta entre o presente e o passado da religião. Mesmo que uma pessoa filiada a determinado lado não seja descendente sanguíneo daquela nação, o que é uma realidade entre os adeptos, o sentir-se pertencente à nação religiosa e a distinção entre cada uma delas costuma ser preservado. O que não quer dizer que um templo não possa reivindicar seu pertencimento a mais que uma nação, o que também ocorre. As principais diferenças entre os lados está nos ritmos dos tambores, na ordem dos cânticos sagrados e até mesmo em algumas letras e melodias. Também podem diferir os alimentos rituais²⁶.

Orixás é como são chamadas as divindades cultuadas pelo batuque em todas as suas nações. Eles são doze, femininos e masculinos, a saber, Bará, Ogum, Iansã ou Oiá, Xangô, Obá, Odé, Otím, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá. Também comumente referidos como “santo”, cada orixá é subdividido em outros tantos (o que chamam “qualidades” de cada orixá), além destes serem associados a algum santo católico e a elementos da natureza²⁷.



Figura 2. Representação dos 12 Orixás mais cultuados no Rio Grande do Sul: Bará, Xangô, Iansã, Oxalá, Pai Cleon de Oxalá, Oxum, Bêjis, Ogum, Odé e Otím, Obá, Ossanha e Xapanã. Foto de Mirian Fichtner. Disponível em: <http://especiais.ig.com.br/zoom/cavalo-de-santo-religioes-afro-gauchas/>; Acessado em 27/05/2018.

²⁶ Idem.

²⁷ Idem, p. 174.

Abaixo uma tabela geral dos orixás cultuados pelo batuque, além de algumas informações sobre seu culto:

Tabela 1: Dados sobre as divindades cultuadas pelo batuque

Orixá	Atribuições	Símbolos	Nomes “Qualidade”	Correspondência com santos católicos
Bará	Dono das encruzilhadas; Abridor dos caminhos; Representa a força vital que movimenta o universo. Mensageiro dos orixás; Orixá da sensualidade.	Chave, foice, moedas, corrente, tridente.	Lodê, Jelú, Lanã, Adague, Abanadá, Bi, Bô.	Santo Antônio, São Pedro e São Benedito.
Ogum	Dono do trabalho em metal e da agricultura, guerreiro (demanda).	Ferramentas em geral, espada, lança, faca, bigorna, martelo, malho, lima.	Adiolá, Onirê (que se dividem em Etó, Dicaró, Diacó), Mejê, Avagã, Eléfa, Djocô, Miratã, Deí, Caribó, Dilê, Caraló, Orobá, Dalúa, Irê, Ló, Manicéu.	São Jorge.
Iansã	Dona dos raios, ventos, tempestades e das almas.	Espada, taça, pulseira, alianças.	Bomí, Bossí, Tola, Dê, Duaê, Tuqué, Niquê, Foniqué, Dirã.	Santa Bárbara.
Xangô	Orixá do trovão, da justiça e do fogo.	Balança, machado (duplo) e livro.	Godô, Aganjú, Delê, Iomí, Dadá, Sabelejú, Deí, Oní, Sobô, Bêjí.	São Miguel Arcanjo e São Jerônimo.
Obá	Sangue, ouvido, dona do ar.	Navalha, roda de madeira, timão, orelha.	Orím, Dilê, Dê, Bomí, Bi, Obaní,	Santa Catarina.
Odé	Orixá de caça, fala, sono	Arco e flecha, cântaro, bodoque.	Olobomí, Fabiorô.	São Sebastião
Otim	Orixá de caça, fala, sono	Arco e flecha, cântaro, bodoque.	Aridã, Digalá, Obérémi	Santa Efigênia
Ossanha	Dono das folhas, protetor de doenças internas, pernas, ocos.	Muleta, tesoura, agulha, linha de coser.	Guiní, Bomí, Guê, Deí, Omioã, Duí,	São José e Santo Onofre.
Xapanã	Protetor de doenças epidêmicas (varíola, lepra, cólera)	Vassoura, corrente de aço.	Jubiteiú, Bidansú, Taió, Tonhô, Orôco ou Rôco, Sapatá, Omilaió, Biguensú, Omolú, Ledjú, Barú, Balouaê	São Lázaro e Cristo das Chagas.
Oxum	Dona da água doce, ouro, riqueza, amor, vida.	Leque, espelho, dinheiro, corrente dourada, pente.	Pandá, Dimum, Docô, Lê-lé-roxô, Malê, Adililá, Tuqué, Aguedã, Iêcariô, Mirerê, Mirê.	Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora Aparecida.
Iemanjá	Mãe de todos os orixás, dona dos mares,	Âncora, barco, peixe, remo.	Bossí, Maré, Olomí, Iaquerê, Anarê, Omiremí, Nãã, Ogueremí, Iemí, Omí-ossí, Tolá, Ossí, Omí-	Nossa Senhora dos Navegantes.

			maré.	
Oxalá	Orixá supremo. Pai de todos.	Bastão, olho e pomba.	Efã, Bonefã, Ifá, Oromiláia, Obucum, Dacum, Bicuí, Dê, Tobí, Fabí.	Cristo crucificado, Menino Jesus, Santa Luzia, Espírito Santo e Senhor do Bom Fim.

Fonte: Tabela publicada em 2002 por Ari P. Oro adaptada com dados extraídos do estudo de Norton Corrêa²⁸.

Nos últimos anos algumas práticas ritualísticas das religiões afro-brasileiras vêm sendo questionadas por setores da sociedade sul-rio-grandense. Trata-se do caso da imolação de animais. O sacrifício de animais, a saber, os chamados “dois pés” (aves como pombo, galo e galinha) e os “quatro pés” (caprinos, ovinos, suínos e bovinos) é prática corriqueira em muitos templos afro-brasileiros, e um dos *fundamentos* do batuque. Conforme aponta Tadvald “o sacrifício desses animais possui um investimento simbólico e litúrgico imprescindível para a teogonia e liturgias próprias do contexto religioso afro-brasileiro”²⁹. Segue o autor:

Nas imolações realizadas nas religiões afro-brasileiras, o destino mais peculiar da carne do animal consiste na alimentação, que também pode ser percebida como parte do ritual. Não por acaso se utiliza o termo ioruba *ebó* para se referir ao sacrifício, expressão que pode ser traduzida por “comida” ou “comer”. A transformação do animal sacrificado em alimento também agrega uma dinâmica maior de solidariedade entre os atores envolvidos no ritual, pois todos podem usufruir o banquete, mesmo que levem um pedaço da carne para casa. Na visão de diversos adeptos, este ato permite que se espalhe o *axé* (uma espécie de energia, que pode ser traduzida em termos maussonianos de *mana*) para muitos lugares e entre várias pessoas³⁰.

Em 2015 o Projeto de Lei 21/2015 colocou novamente em pauta na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul as práticas litúrgicas das religiões afro-brasileiras. O mandato da deputada Regina Becker Fortunati (PDT), autora do Projeto de Lei, se destaca por sua atuação em prol dos direitos dos animais. A deputada estadual justificou o Projeto de Lei como sendo uma “questão de saúde pública” e “inconformidade com a morte de animais para este fim, é imensurável o sofrimento que advém do constrangimento a que somos submetidos, encontrando os corpos em putrefação utilizados nas oferendas em locais públicos, inclusive o de seres que nossa cultura sequer assimila como alimento”³¹.

²⁸ Idem, p. 179-194; ORO, Ari Pedro. *Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. Estudos Afro-Asiáticos*, ano 24, n. 2, p. 345-384, 2002. p.381-383.

²⁹ TADVALD, Marcelo. Direito litúrgico, direito legal: a polêmica em torno do sacrifício ritual de animais nas religiões afro-gaúchas. *Caminhos*, Goiânia, v.5, n.1, p. 129-147, 2007. p. 129-130.

³⁰ Idem, p.130.

³¹ Fonte: <https://www.sul21.com.br/postsrascunho/2015/03/projeto-que-proibe-sacrificio-de-animais-em-rituais-no-rs-acirra-debate-entre-religiosos-e-ativistas/>;

Esse posicionamento contrário à sacralização de animais pelas religiões afro-brasileiras no Rio Grande do Sul ecoou na Assembleia Legislativa do Estado através de projetos de Lei por diversas vezes³². Os agentes afro-brasileiros, por sua vez, organizaram-se através de suas associações e conselhos, realizando manifestações e passeatas em Porto Alegre/RS e em cidades do interior como Passo Fundo/RS.

1.2 - Afro (e) (-) brasileira: a umbanda no Extremo-Sul do Brasil

“Entre a cruz e a encruzilhada” esteve a umbanda desde suas origens institucionais no início do século XX, segundo Lisias Nogueira Negrão, tendo que, ao longo de sua história, se constituir entre suas raízes negras e indígenas e a adoção de princípios éticos cristãos. Essa influência ocidental às crenças afro-brasileiras e sua adoção no início do século passado são entendidas como atrativos legitimadores para uma religião recente, num contexto de mudanças significativas nos âmbitos social, político e econômico brasileiro³³.

Ao contrário do que acontece com o batuque, os umbandistas, reivindicam uma data específica como o momento originário de sua religião. Teria acontecido no dia 15 de novembro de 1908, no interior do Rio de Janeiro, consagrando então a “religião brasileira” com a data da instituição da República no país. Segundo conta a literatura umbandista, nesta data ocorrera a primeira “manifestação” do Caboclo das Sete Encruzilhadas que, através do médium Zélio Fernandino de Moraes, funda esta nova religião. Este seria, portanto, conforme denominou Diana Brown, o “mito de origem” da umbanda³⁴.

O surgimento da umbanda na primeira metade do século passado é bastante significativo, tendo em vista o contexto em que isso ocorre. A emergência desta religião marca um momento em que as crenças afro-brasileiras e indígenas, inseridas em uma

<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/06/projeto-de-lei-para-proibir-sacrificio-de-animais-sera-arquivado-no-rs.html>; Acessado em: 25/06/2018.

³² Em 2003 foi aprovado o Código Estadual de Proteção aos Animais que proibiu o sacrifício de animais para uso em religiões no Rio Grande do Sul. Após pressão por parte dos agentes das religiões afro-brasileiras, a imolação litúrgica de animais foi liberada em 2004. Em 2015, a deputada estadual Regina Becker (PDT) apresentou projeto de lei para proibir novamente o sacrifício de animais. O projeto foi considerado inconstitucional e arquivado. Fonte: <https://www.sul21.com.br/postsrascunho/2015/03/projeto-que-proibe-sacrificio-de-animais-em-rituais-no-rs-acirra-debate-entre-religiosos-e-ativistas/>; <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/06/projeto-de-lei-para-proibir-sacrificio-de-animais-sera-arquivado-no-rs.html>; Acessado em: 25/06/2018.

³³ NEGRÃO, Lisias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. *Tempo Social*; Sociol. USP, São Paulo, 5 (1-2): 113-122, 1993. (editado em nov.1994)

³⁴ BROWN, Diana. Uma história da Umbanda no Rio. In: BROWN et al. *Umbanda e política*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p. 10.

realidade social excludente e racista, conquistam mais espaço no mercado religioso brasileiro. Desde sua institucionalização na primeira metade do século XX, é reivindicado pelos intelectuais da umbanda um caráter de religião nacional e democrática, que agrega as principais matrizes culturais brasileiras: indígena, africana e cristã³⁵.

A umbanda no Rio Grande do Sul teria, conforme escreve Oro, iniciado em Rio Grande/RS em 1926 com a fundação do “Reino de São Jorge”. A religião se adaptou aos novos tempos e rituais mantidos até hoje pelo batuque foram adequados às novas exigências sociais de um Estado em processo de modernização³⁶. Segundo Isaia, tanto no Rio Grande do Sul quanto no centro do país a umbanda trava uma espécie de “luta por espaço e qualificação”, objetivo este orientador de uma busca, por parte dos primeiros umbandistas em “aproximar a religião dos significados endossados socialmente”³⁷. A respeito disso, Prandi escreve em 1998:

No primeiro quartel deste século, no Rio de Janeiro e depois em São Paulo, constituiu-se a umbanda, que logo se disseminou por todo o País, abrindo, de certo modo, caminho para uma nova etapa de difusão do antigo candomblé. Reiteradamente identificada como sendo a religião brasileira por excelência, pois, formada no Brasil, resultante do encontro de tradições africanas, espíritas e católicas, ao contrário das religiões negras tradicionais, que se constituíram como religiões de grupos negros, a umbanda já surgiu como religião universal, isto é, dirigida a todos. Desde sua formação, a umbanda procurou legitimar-se pelo apagamento de feições herdadas do candomblé, sua matriz negra, especialmente traços referidos a modelos de comportamento e mentalidade que denotam a origem tribal e depois escrava³⁸.

O primeiro centro de umbanda teria sido fundado no Estado do Rio de Janeiro, através da dissidência de um espiritismo que não aceitava a manifestação de guias negros e indígenas

³⁵ ISAIA, Artur Cesar. Umbanda no Rio Grande do Sul: o esforço pela representatividade social nos primórdios de uma religião. In: WEBER, Beatriz Teixeira; ZANOTTO, Gizele (Org.). *Religiões e religiosidades no Rio Grande do Sul: espiritismo e religiões mediúnicas*. São Paulo: ANPUH, 2013. p.19.

³⁶ ORO, Ari Pedro. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 24, n. 2, p. 345-384, 2002.

³⁷ ISAIA, Artur Cesar. Umbanda no Rio Grande do Sul: o esforço pela representatividade social nos primórdios de uma religião. In: WEBER, Beatriz Teixeira; ZANOTTO, Gizele (Org.). *Religiões e religiosidades no Rio Grande do Sul: espiritismo e religiões mediúnicas*. São Paulo: ANPUH, 2013. p.26.

³⁸ PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 151-167, 1998. p. 152.

durante as sessões. Considerados por este kardecismo ortodoxo como espíritos de baixa luz e, portanto, inferiores, tornaram-se as principais divindades da umbanda³⁹.

O panteão religioso umbandista é bastante diversificado, sendo formado por inúmeras divindades, estas, devidamente hierarquizadas. Podemos constatar variações entre os autores e intelectuais umbandistas, bem como em templos de uma mesma cidade. Abaixo, elaboramos uma tabela baseada em outra organizada pelo antropólogo Ari P. Oro. Nela podemos observar as entidades cultuadas pela umbanda no Estado, conforme pesquisa publicada em 2002. Orixás, caboclos (índios), pretos-velhos e ibejis (crianças) habitam a cosmovisão umbandista⁴⁰. Além de outras divindades não escaladas por Oro, a saber, marinheiros e boiadeiros.



Figura 3. Ritual de Umbanda na beira do Guaíba com terreiro da Ilha da Pintada de Mãe Bia de Iemanjá, Mãe Leoni e filhos-de-santo. Foto de Mirian Fichtner. Disponível em: <http://especiais.ig.com.br/zoom/cavalo-de-santo-religoes-afro-gauchas/>; Acessado em 27/05/2018.

³⁹ Idem, p. 156.

⁴⁰ ORO, Ari Pedro. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 24, n. 2, p. 345-384, 2002. p. 378-381.

Tabela 2: Dados sobre as divindades cultuadas na umbanda

ORIGEM	ENTIDADES	SINCRETISMO
Orixás		
Origem africana	Ogum (beira-mar, das matas, da rua, tira-teima, rompe-mato, tibiri);	São Jorge
Origem africana	Iansã (mata, cachoeira)	Santa Bárbara
Origem africana	Xangô (pedreira)	São Jerônimo
Origem africana	Oxossi (mata)	São Sebastião
Origem africana	Xapanã (mata)	São Lázaro
Origem africana	Oxum (cachoeira, água doce)	Nossa Senhora
Origem africana	Iemanjá (água)	Nossa Senhora de Navegantes
Origem africana	Oxalá (ar)	Jesus Cristo
Pretos Velhos		
Origem africana	Pai Antônio	-
Origem africana	Pai Matias	-
Origem africana	Pai Cipriano	-
Origem africana	Pai Joaquim	-
Origem africana	Pai João	-
Origem africana	Pai Jacó	-
Origem africana	Pai Antônio do Congo	-
Origem africana	Pai Moçambique	-
Origem africana	Pai Thomás	-
Origem africana	Pai Miguel das Almas	-
Origem africana	Pai João de Angola	-
Origem africana	Pai Benedito	-
Origem africana	Pai Miguel de Aruanda	-
Pretas Velhas		
Origem africana	Mãe Maria	-
Origem africana	Mãe Maria Conga	-
Origem africana	Mãe Joaquina	-
Origem africana	Mãe Benedita	-
Origem africana	Tia Chica de Angola	-
Origem africana	Vovó Sebastiana	-
Origem africana	Vovó Benedita	-
Origem africana	Vovó Benedita	-
Origem africana	Vovó Catarina	-
Origem africana	Vovó Cambinda	-
Origem africana	Vovó Luiza	-
Cosmes (Ibeji)		
Caboclos		
Origem indígena	Pena Verde	-
Origem indígena	Folha Verde	-
Origem indígena	Iara	-
Origem indígena	Jupira	-
Origem indígena	Jurema	-
Origem indígena	Arranca-Toco	-
Origem indígena	Sete Flechas	-
Origem indígena	Rompe-Mato	-
Origem indígena	Ventania	-
Origem indígena	Jussara	-
Origem indígena	Pena Branca	-
Origem indígena	Ubirajara Peito de Aço	-
Origem indígena	Tupinambá	-

Origem indígena	Tupi	-
Origem indígena	Tupã	-
Origem indígena	Ubirajara	-
Origem indígena	Ubiratã	-
Origem indígena	Aimoré	-
Origem indígena	Guaraci	-
Origem indígena	Águia Branca	-
Origem indígena	Tamoio	-
Origem indígena	Guarani	-
Origem indígena	Estrela do Mar	-
Origem indígena	Sereia do Mar	-
Origem indígena	Jandira	-
Origem indígena	Jacira	-
Origem indígena	Cabocla da Praia	-
Origem indígena	Cabocla Sete Ondas	-
Origem indígena	Estrela D'Alva	-
Origem indígena	Itayara	-

Fonte: Tabela publicada em 2002 por Ari P. Oro adaptada para esse trabalho⁴¹.

1.3 - Quimbanda: a encruzilhada cultural

A quimbanda, também denominada no Rio Grande do Sul como linha cruzada, expressa a face mais “moderna” do campo afro-religioso do Estado. Moderna por conta de sua emergência recente, meados da década de 1960, segundo a maioria dos pesquisadores:

A Linha Cruzada surgiu a partir da década de 60 numa fase de consolidação do capitalismo com o conseqüente incremento de graves problemas, tais como desemprego, insegurança, doenças, frustrações. Neste contexto, a Linha Cruzada torna-se uma religião prática, pragmática, de serviço, que se especializa nas soluções sobrenaturais daqueles problemas.⁴²

Denomina-se de linha cruzada, segundo Corrêa, a modalidade ritualística que reúne, num mesmo templo os orixás do batuque, os pretos-velhos e caboclos da umbanda, além de outras deidades que lhe são próprias, a saber, exus e pombagiras. Desta forma, esta religião perpassa, ou melhor, “cruza” pelas outras crenças e as cultua de sua forma⁴³.

Será nos terreiros cruzados que a presença das entidades quimbandeiras terá maior visibilidade, ou seja, uma participação menos *dissimulada* do que normamente ocorria nas

⁴¹ Idem.

⁴² Idem, p. 358-359.

⁴³ CORRÊA, Norton. *Os vivos, os Mortos e os Deuses*. 1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Porto Alegre, UFRGS, 1998.

casas de umbanda, especificamente, na chamada *umbanda branca*. Exus e Pombagiras serão, portanto, as principais divindades cultuadas por essa religião, além dos espíritos ciganos⁴⁴.

Conforme Barros, em seu texto *A simbólica da violência e da transgressão no universo da Quimbanda*, é a partir do pensamento umbandista, característico por sua dualidade, que surge a quimbanda. A complexa hierarquia entre os espíritos da umbanda é simplificada. A divisão entre *espíritos puros*, *espíritos de segunda ordem* ou *bons espíritos* e *espíritos imperfeitos* corresponde a uma nova divisão: umbanda, prática do bem; quimbanda, prática do mal. Contrapondo o discurso umbandista, advertem os adeptos da quimbanda entrevistados por Barros: “Exu não é bom, nem é mal, Exu é neutro”⁴⁵.

No estudo *Pombagira e as faces inconfessas do Brasil*, Prandi contextualiza a quimbanda e seus seguidores, e sua relação com a umbanda:

Não é de se estranhar, portanto, que o culto a Pombagira faça parte do lado mais escondido das religiões afro-brasileiras, que é conhecido sobretudo pelo nome de quimbanda, pois as motivações básicas do culto também pertencem a dimensões do indivíduo muito encobertas pelos padrões de moralidade da sociedade ocidental-cristã. Nem é de se estranhar que tenha sido a umbanda que melhor desenvolveu esta entidade, pois foi a umbanda, como movimento de constituição de uma religião referida aos orixás e aos pactos de troca entre homem e divindade e ao mesmo tempo preocupada em absorver a moralidade cristã, que separou o bem do mal, sendo portanto, obrigada a criar panteões separados para dar conta de cada um. Mas se, formalmente, a umbanda separou o mundo dos "demônios", ela nunca pôde dispor deles nem tratá-los como entidades das quais só nos cabe manter o maior afastamento possível, sob pena de perdição e danação eterna. Porque a umbanda nunca se cristianizou, ao contrário do que pode fazer entender a ideia de sincretismo religioso: ela reconhece o mal como um elemento constitutivo da natureza humana, e o descaracteriza como mal, criando todas as possibilidades rituais para sua manipulação a favor dos homens⁴⁶.

Conforme Prandi, “pombagira é singular, mas é também plural. Elas são muitas, cada qual com nome, aparência, preferências, símbolos e cantigas particulares”⁴⁷. Da mesma forma é Exu. A

⁴⁴ LEISTNER, Rodrigo Marques. *Os outsiders do além: um estudo sobre a quimbanda gaúcha e outras “feitiçarias” afro-gaúchas*. Dissertação (Dissertação em Ciências Sociais) – UNISINOS. São Leopoldo, p. 138. 2014.

⁴⁵ BARROS, Sullivan Charles. *A simbólica da violência e da transgressão no universo da Quimbanda*. *Caminhos*. Goiânia, v. 5, n. 1, p. 107-127, jan./jun. 2007.

⁴⁶ PRANDI, Reginaldo. *Pombagira e as faces inconfessas dos Brasil*. In: PRANDI, Reginaldo. *Herdeiras do Axé*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 156.

⁴⁷ Idem, p. 147.

seguir listamos algumas entidades cultuadas pela quimbanda, conforme pesquisa publicada por Oro em 2002⁴⁸.



Figura 4. Ritual de Quimbanda. Foto de Mirian Fichtner. Disponível em: <http://especiais.ig.com.br/zoom/cavalo-de-santo-religoes-afro-gauchas/>; Acessado em 27/05/2018.

Tabela 3: Dados sobre as divindades cultuadas na Quimbanda

EXUS	POMBAGIRAS
Tiriri	Da Estrada
Marabô	Das Almas
Sete Cruzeiros	Rainha das Sete Encruzilhadas
Destranca Ruas	Das Sete Saias
Rei das Sete Encruzilhadas	Maria Padilha
Tranca Ruas	Cigana do Acampamento
Da Porteira	Menina
Zé Pilintra	Do Oriente
Pantera Negra	Rosa Vermelha
Da Capa Preta	Das Almas
Quebra-Galho	Do Forno
Ventania	Maria Quitéria

⁴⁸ ORO, Ari Pedro. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 24, n. 2, p. 345-384, 2002. p.381-383.

Calunga	Da Praia
Sete Pedras	Cigana da Praia
Sete Chaves	Tucuara
Sete Portas	-
Tranca Tudo	-
Exu Pagão	-
Exu do Cemitério	-
Pinga Fogo	-
Caveira	-
Tata Caveira	-
Da Meia-Noite	-
Exu Lanan	-
Quilombô	-
Do Lodo	-
Maré	-
Pantera Negra	-

Fonte: Tabela publicada em 2002 por Ari P. Oro adaptada para esse trabalho⁴⁹.

Exu é uma divindade cultuada por várias religiões afro-brasileiras. Conseqüentemente, muitas são as perspectivas litúrgicas em torno de seu culto. O que ocorre com Exu, diferentemente de outros orixás, é a emergência de um novo prisma da divindade, que emerge através de um ângulo kardecista⁵⁰, incorporado pela umbanda, o Exu quimbandeiro – também chamado de Exu catiço. Leistner sintetiza:

Assim, nos sistemas do Batuque Exu aparece como Bará, senhor dos caminhos e encruzilhadas, que simboliza o movimento e desdobra-se em identidades míticas secundárias que referem o Bará Agelu, o Bará Lanã, o Bará Adague e o Bará Lodê. [...] também Legba aparece no Batuque através das influências Jejes presentes na formação dessa denominação, sendo cultuado, entretanto, em poucos terreiros. Em síntese, nessas variantes mais africanizadas, Exu aparece como Orixá, divindade mítica associada aos processos de mediação do cosmos. Por outro prisma, a emergência do Exu quimbandeiro, bem como de seu par mítico, Pombagira, deve ser refletida segundo as modificações incidentes numa espécie de *ontologia* das divindades afro-brasileiras, promovidas através daquela incorporação da noção de espírito contida no kardecismo⁵¹.

Portanto, seriam os Exus e Pombagiras da quimbanda resultantes de uma resignificação de culturas africanas através de uma ótica cristã ou mais precisamente kardecista. Desta forma, o orixá Exu “em função dos conteúdos simbólicos contidos na versão africana, passou a ser relacionado com os espíritos de caráter *diabólico* e de conduta

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ LEISTNER, Rodrigo Marques. *Os outsiders do além: um estudo sobre a quimbanda gaúcha e outras “feitiçarias” afro-gaúchas*. Dissertação (Dissertação em Ciências Sociais) – UNISINOS. São Leopoldo, 2014. p. 43-44.

⁵¹ Idem, p. 44

marginal". E Pombagira, denominação que acredita-se ser uma corruptela de Bonbojira, divindade originária dos bacongos, formaria o "par mítico de Exu nos terreiros de Macumba, sendo igualmente associada, agora em versão feminina, aos espíritos *endiabrados* e de conduta moral *questionável*"⁵².

1.4 - "Passo Fundo, Terra De Gente De Terreiro"

Passo Fundo é uma cidade média do Norte do Estado do Rio Grande do Sul. Por suas calçadas entrecruzam todos os dias caminhos distintos, histórias ímpares de uma gente diversa. São tantas as cores, os cheiros e os sabores que constituem sua rica e bela cultura(s), esta forjada na diversidade das diásporas, das (i)migrações e das interações culturais. Passo Fundo é conhecida (mas nem sempre se reconhece) por alguns títulos que lhe são caros (para alguns): "Capital do Planalto Médio", "Capital Nacional da Literatura", "Passo Fundo, Tchê" (a ideia de uma cidade tradicionalista), "Terra de Gente Boa", entre outros. Contudo, alguns aspectos culturais citadinos foram historicamente ignorados por sua mídia tradicional e pelo Poder Público Municipal. Levantamos esse debate, pois, acreditamos na importância de construir uma cidade que valorize os mais diversos grupos étnico-culturais que nela coexistem. Por isso bradamos "Terra de Gente de Terreiro", bem como de igreja, mesquita, sinagoga, centro espírita, templo budista, loja maçônica e etc.

A história das crenças afro-brasileiras no município ainda foi pouco estudada. Aqui desenvolveremos os dados que obtivemos através da produção acadêmica disponível, além de apresentar algumas fontes, sobretudo, a imprensa local. Outrossim, iremos rememorar aspectos da história afrodescendente em Passo Fundo, a fim de lançar luz sobre algumas questões próprias das populações negras que se estabeleceram na região e, sobretudo, as lacunas existentes a esse respeito.

Desde a primeira metade do século XIX foi trazida à Passo Fundo uma população de afrodescendentes que, na condição de escravizados, acompanhou a ocupação da região por latifundiários milicianos. Acredita-se que juntamente com Manoel José das Neves, conhecido

⁵² Idem.

como Cabo Neves, entre 1827 e 1828 chegaram os primeiros cativos à região onde hoje é Passo Fundo⁵³.

Até onde sabemos, os primeiros dados sobre o número da população negra escravizada em Passo Fundo data 1859. O recenseamento populacional daquele ano indica que praticamente 20% da população do município era formada por pessoas escravizadas, além de 127 libertos. Essa considerável presença afrodescendente no município não é compatível com o discurso de que a região não recebera mão de obra escravizada ou que mínima tivesse sido esta⁵⁴. Ademais, ocorreu em Passo Fundo, na região do 3º Distrito a formação de dois quilombos na zona rural: Arvinha (localizado entre os atuais municípios de Sertão e Coxilha) e Mormaça (localizado no atual município de Sertão)⁵⁵.

Ainda hoje é popular na cidade, e não apenas entre a população negra, a lenda da Mãe Preta. A lenda narra a triste história de uma escrava de Cabo Neves que atendia pelo nome de Mariana. A história de Mãe Preta materializa-se numa fonte d'água (conta a lenda que oriunda das lágrimas da mulher aflita ao perder seu filho). O chamado *Chafariz da Mãe Preta* recebia diariamente as lavadeiras, sobretudo, mulheres negras que dali tiravam seu sustento após a abolição da escravatura⁵⁶.

Outro patrimônio imaterial de Passo Fundo, igualmente expressão da matriz cultural afro-brasileira cidadina, é a Romaria de São Miguel Arcanjo (que a partir do sincretismo foi relacionado ao orixá Xangô). A romaria teve início em 1871 com a construção da capela de São Miguel por dois ex-escravos, Generoso e Isaias⁵⁷.

Entre os anos 2010 e 2012 circulou no município o jornal *Águas de Oxum*. A partir de anúncios, reportagens, convites e coberturas de eventos religiosos impressos nas páginas do mensário percebemos, pela primeira vez, a dimensão das crenças afro-brasileiras na cidade. A primeira edição de *Águas de Oxum* foi a público em setembro de 2010 e, mensalmente – com exceção de alguns poucos meses – um novo número era publicado por essa imprensa. Até onde sabemos o jornal contou com 20 números, editados até dezembro de 2012 quando então

⁵³ BATISTELLA, Alessandro; RIBEIRO, Odorico José. Os Afro-descendentes em Passo Fundo. In: TEDESCO, João Carlos; NEUMANN, Rosane Marcia; BATISTELLA, Alessandro (Org.) *A formação étnica de Passo Fundo: história, memória e patrimônio*. Erechim: Allprint Varella, 2017. p. 135-136.

⁵⁴ Idem, p. 139-140.

⁵⁵ Idem, p. 142-143.

⁵⁶ Idem, p. 146-147.

⁵⁷ Idem, p. 150.

saíra de circulação. O periódico foi criado por um bazar e flora de mesmo nome⁵⁸. *Águas de Oxum* foi assumidamente um jornal afro-religioso e seu título evidencia isso. A orixá Oxum, conforme descrição de um artigo do próprio jornal é “dona da beleza, do perfume, do espelho e da água doce. É a dona do ouro, a dona das riquezas e do amor. É a ela que se recorre pedindo amor e sucesso nos negócios”. O slogan impresso nas capas de todas as edições reforça a ideia de um público alvo e deixa evidente quem é seu emissor “O jornal do povo afro-umbandista”. A intenção quando da fundação do jornal, segundo seu primeiro editorial seria: “divulgar a tradição que veio de nossos antepassados negros”, a valorização de suas práticas religiosas perante a sociedade e a desvinculação das crenças afro-brasileiras locais ao que o público em geral denomina “trabalhos feitos, milagres vendidos ou magias negras”⁵⁹.

Especificamente sobre o batuque em Passo Fundo existe o artigo *O ritual de eguns no batuque: dádivas entre mortos e vivos*. Através de uma pesquisa etnográfica, Talita Morais dos Santos descreve o ritual em homenagem aos ancestrais (*eguns*) realizado em um terreiro de Batuque passofundense. A análise da pesquisadora acompanha boa parte do ritual de *eguns*, característico por sua longa duração e meticulosidade em cada detalhe. Além disso, Santos discorre sobre a organização do templo e as relações estabelecidas entre o pai de santo, Babá Akinelé (Pai Duda de Ogum) e seu filhos de santo naquele ritual e em outras circunstâncias observadas⁶⁰. Sobre a organização espacial do Egbé Asé Akinelé, localizado no bairro Vera Cruz, diz a autora:

Ao chegar no terreiro os muros são brancos, com uma grade. À esquerda está o assentamento de exu, juntamente com uma grama verde. À frente fica a casa do pai de santo Baba Akinelé, um pouco mais à esquerda à casa do exu da rua. Seguindo à esquerda um chão de concreto pintado de vermelho, uma das cores de Ogum que são o verde e o vermelho, à frente fica o terreiro, que está aos fundos da casa do pai de santo. Ao entrar no terreiro, há um grande salão com vários adornos de santo, ao lado, tem um quarto que permanece fechado e representa o exu de dentro da casa, e onde ficam estatuetas e garfos pontudos de vários exus. À direita, fica o salão onde se reza para os orixás, e aos fundos desse salão fica o quarto de santo. Indo reto pelo salão principal, fica o balé, local de consagração aos mortos, local privado. À direita, existe uma sala, onde permanece o jogo de búzios, local público e de atendimento, e à esquerda à cozinha do terreiro. No salão principal existem os adornos dos santos, onde se faz o ritual de umbanda e quimbanda. No

⁵⁸ Agradecemos a Celicia Maria Denardi (Ciça), proprietária da Flora e Bazar Águas de Oxum, bem como diretora do jornal por ter disponibilizado os periódicos para digitalização e por ser parceira de nossa pesquisa.

⁵⁹ ÁGUAS de Oxum. Periódico. Passo Fundo: Berthier. ano I – III, 2010 – 2012. – Acervo disponível no Arquivo Histórico Regional (AHR).

⁶⁰ SANTOS, Talita Morais dos. O ritual de eguns no batuque: dádivas entre mortos e vivos. In: SIMPÓSIO DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES REGIONAL SUL, 5. 2017. Passo Fundo. *Anais do V Simpósio do GT História das Religiões e Religiosidades Regional Sul*. Passo Fundo, 2017. p. 272-284.

salão onde se tocam para os orixás, estão fixados nas paredes quadros de todos os orixás cultuados no Batuque, e também o retrato do pai de santo da casa⁶¹.

O registro mais antigo que pudemos encontrar até este momento sobre as religiões afro-brasileiras em Passo Fundo data 1928 e versa sobre o batuque. Trata-se de uma notícia publicada no jornal *O Nacional* no dia 12/05 de 1928 e assinada por *J & Cia*. Entendemos a imprensa enquanto fonte a partir da metodologia de Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado. Desconsidera-se este meio de comunicação como sendo mero veículo de informação, ou qualquer entendimento da mídia enquanto não agente, imparcial ou neutra. Muito pelo contrário, nossa análise a compreende como mecanismo de orientação e manipulação de mentalidades e conseqüentemente das relações sociais⁶². Essa notícia, intitulada *Batuque* foi transcrita no livro “Páginas da Belle Époque Passo-fundense”⁶³:

Passo Fundo é incontestavelmente uma cidade progressista; tudo que é bom aqui aparece. Mas, como aparece o bem, também aparece o mau; foi assim que apareceu por aqui o Batuque. Quarta-feira à noite ainda houve na Rua Independência lá para os lados do quartel da Polícia uma rumorosa batucada. Chovia torrencialmente, mas quem andava naquelas zonas ouvia o batido monótono do tambor de folha, e, contam que dentro da casa, onde o tambor batia, um negro de quatro pés fazia esconjuros acompanhado por uma toada de ladainhas. O tal negro veio há pouco de Porto Alegre, onde a polícia perseguiu os adivinhadores, quiromantes, professores etc. Contaram-me que o negro é estupendo no seu batuque; entre outras façanhas faz concorrência aos advogados, consegue fazer qualquer cobrança de dívidas por mais difícil que seja. Numa roda alguém disse que o Delegado já deu uma batida nos batuqueiros, tendo proibido a sua continuação, Vamos ver se ele continua. *J. & Cia.*” (ON n 300, de 12/05/28)⁶⁴.

O autor do texto jornalístico apresenta o que denomina batuque com desdém e discorre sobre o assunto suscitando pré-conceitos e noções racistas, associando a religião à prática de “adivinhadores, quiromantes” que, segundo o mesmo, teriam sido perseguidos pela polícia em Porto Alegre/RS. O jornalista dá indicativos de que a chegada do batuque a Passo Fundo era recente: “tudo que é bom aqui aparece. Mas, como aparece o bem, também aparece o mau; foi assim que apareceu por aqui o Batuque”, relacionando o aparecimento do batuque na cidade

⁶¹ Idem, p. 276.

⁶² LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

⁶³ Apud DAMIAN, Heleno Alberto; DAMIAN, Marco Antonio. *Páginas da belle époque passo-fundense*. Passo Fundo: Passografic, 2008. p. 51-52.

⁶⁴ Idem.

com a vinda de um homem da Capital do Estado. E continua: “Numa roda alguém disse que o Delegado já deu uma batida nos batuqueiros, tendo proibido a sua continuação”; deixando a entender que a “rumorosa batucada” que ecoava do interior de uma casa na Rua Independência numa quarta-feira chuvosa de 1928 e a “toada de ladainhas” que, possivelmente fossem cânticos em língua(s) africana(s) seriam silenciados pela polícia local⁶⁵.

Se a batida policial ocorreu de fato, não sabemos. E ao questionamento final da matéria “Vamos ver se ele continua”, temos uma resposta. Sim, o batuque continua. Contudo, sobre sua história na “Terra de Gente de Terreiro” somam-se mais perguntas do que respostas bem definidas. Esse fragmento de jornal de 1928 suscita vários questionamentos e nos deixa inquietos. Quem serão eles, se é que estes eram os primeiros batuqueiros? Que ritual foi aquele ocorrido na noite chuvosa de quarta-feira, dia que a depender da nação é atribuído aos orixás Xapanã, Oxalá Obokum ou Obá. A que nação pertencia aquela casa? E afinal, será que era mesmo o batuque ou uma outra manifestação afro-brasileira? Fica a esperança de que trabalhos futuros deem conta dessas questões.

⁶⁵ Idem.

CAPÍTULO 2 – CARNAVAL: A ENCRUZILHADA ENTRE A INVERSÃO DA ORDEM E A INTEGRAÇÃO SOCIAL

*Meu Deus! Meu Deus!
Se eu chorar, não leve a mal
Pela luz do candeeiro
Liberte o cativo social*

*“Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?”
(G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti, 2018)*

Carnaval. Parece coisa que não precisa explicar. Ele está presente no cotidiano dos brasileiros desde o nascimento. Expressões como *amor de carnaval* verberam o quanto essa festa pode ser efêmera – pois finda em poucos dias - e ao mesmo tempo eterna – na instância das memórias. O que chamamos de Carnaval hoje, pode estar bastante atrelado a um padrão carioca e paulistano ou até mesmo soteropolitano de vivenciá-lo. Mas o fato é que suas origens ou influências remontam milênios antes de Cristo. Ou seja, antes mesmo de haver Quaresma já se pulava Carnaval.

Conforme Cavalcanti “o ano carioca, talvez o brasileiro, parece, com efeito, começar seriamente apenas depois do Carnaval. Entre o Natal, o *Réveillon* e o Carnaval, no período mais quente do verão, reina uma espécie de ensaio preparatório”⁶⁶. Muitos estudos sobre o tema costumam destacar como uma de suas principais características a ruptura com o cotidiano. Segundo Claval “algumas festas modeladas sobre o Carnaval cristão suspendem a aplicação das regras habituais, instaurando a inversão das hierarquias e servindo de terapia coletiva”⁶⁷. Trata-se de “uma escapada de si mesmo”, observou Wunenburger⁶⁸.

O carnaval brasileiro, segundo o antropólogo Roberto DaMatta, é um dos principais *rituais nacionais*, tendo como característica peculiar o “abandono” de parte das regras e da ordem, ao mesmo tempo que orienta a construção e cristalização de uma identidade. No

⁶⁶ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. p. 59.

⁶⁷ Apud. FERREIRA, Felipe. *Inventando carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. p. 287.

⁶⁸ Apud. FERREIRA, Felipe. *Inventando carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. p. 287.

“subuniverso das festas e das solenidades”, uma das principais marcas do carnaval é seu artifício de modificar os comportamentos sociais⁶⁹.

No carnaval, tudo se passava como se a sociedade fosse capaz de, finalmente, inventar um espaço social onde a rua e casa se encontrassem. Pois se a festa tem aspectos públicos (como os desfiles e os grupos formais), ela permite um conjunto de gestos (e ações) que, em geral, só se realizam em casa⁷⁰.

Sobre festa, escreve Duvignaud: “destrói ou abole, por todo o seu tempo de duração, as representações, os códigos, as regras pelas quais as sociedades se defendem contra a agressão natural”⁷¹. Para o autor, este retorno a uma instância natural implica em:

uma fase pré-social – no curso da qual tudo pode acontecer, porque tudo é possível, incluindo-se aí o apagamento dos papéis impostos pela cultura e pela sociedade, e a descoberta de um ser que não mais se confundiria com a imagem do “si mesmo” imposta pela divisão do trabalho e da vida industrial⁷².

Existem várias perspectivas teóricas possíveis para o entendimento do conceito de festa. Sua relação com o sagrado é, em muitas ocasiões, evidente e reconhecido pela maioria dos autores. Entretanto, a influência da sociedade na qual determinada festa ocorre, como no caso dos carnavais brasileiros, nos parece predominante. Seria a festa, portanto, uma expressão social. Conforme Abreu, as festas “são sempre recriadas e apropriadas, contendo as paixões, os conflitos, as crenças, e as esperanças de seus próprios agentes sociais. Ou seja, através da festa pode-se conhecer melhor a coletividade e a época em que aconteceram”⁷³.

Segundo Kim, as festas tem uma função social que visa:

dar sentido ao lugar no espaço urbano por meio do lastreamento de valores simbólicos; [...] afirmar a participação numa coletividade e mostrar a especificidade da cultura local através de uma manifestação única do conjunto de habitantes que dá sentido ao lugar; [...] dar sentimento de se

⁶⁹ Nesse livro o autor considera a sociedade brasileira a partir de suas festividades, em especial o carnaval. DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 47-49.

⁷⁰ Idem, p. 137.

⁷¹ Apud. FERREIRA, Felipe. *Inventando carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. p. 287.

⁷² Idem.

⁷³ ABREU, Martha. *O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro/São Paulo: Nova Fronteira/Fapesp, 1999. p. 38.

viver na inversão de papéis, na desordem, no sonho, na loucura, com a finalidade de se abstrair da vida cotidiana⁷⁴.

Na maior parte da literatura que consultamos sobre o Carnaval brasileiro, encontramos em comum nos diferentes autores o entendimento da festa carnavalesca enquanto momento de mediação de conflitos. Roberto DaMatta é um dos principais porta-vozes dessa ideia quando escreve que as escolas de samba promovem “uma sistemática integração das classes em seu desfile altamente complexo”⁷⁵. Na mesma perspectiva segue Leopoldi sobre essa integração, caracterizando-a como “uma representação idealizada da estrutura social, no sentido de que as diferenças sociais que segregam realmente os indivíduos são momentaneamente descaracterizadas”⁷⁶.

Especificamente sobre a festa carnavalesca, é importante considerar algumas questões teóricas. O esforço de muitos autores em defini-la permitiu que pudéssemos reconhecer o Carnaval em sua universalidade. Existem, sim, características que são próprias do Carnaval. Mas o que não podemos deixar de comentar é a diversidade das festas carnavalescas em suas inúmeras versões. Portanto, é necessário que tenhamos em mente que existem, em verdade, carnavais, e não apenas um modelo fixo instaurado e reproduzido em qualquer lugar. Carnavais que são plurais, híbridos, em um contínuo processo de transformação e adaptação⁷⁷. Como definiu Pereira, “se todos brincavam a mesma festa (carnavalesca), certamente construíam para ela significados radicalmente diferentes”⁷⁸.

O que conhecemos como carnaval hoje teria suas raízes no Renascimento e sua realização plena no século XIX. Ainda segundo Ferreira, a especificidade da festa carnavalesca só ocorre a partir de seu distanciamento da dicotomia Carnaval/Quaresma⁷⁹.

Desenvolve o autor:

Durante muitos séculos, a festa carnavalesca existe como uma espécie de oposição ao período de privações preparatório da Páscoa cristã. Nesse

⁷⁴ Apud. FERREIRA, Felipe. *Inventando carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. p. 289.

⁷⁵ DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 96

⁷⁶ Apud. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. p. 30.

⁷⁷ FERREIRA, Felipe. *Inventando carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. p. 315-317.

⁷⁸ Apud. FERREIRA, Felipe. *Inventando carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. p. 316.

⁷⁹ FERREIRA, Felipe. *Inventando carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. p. 319.

sentido, Carnaval é sinônimo de festa em geral. Explica-se, desse modo, a associação do Carnaval a rituais pagãos da Antiga Grécia (Frontisi-Ducroux, 1988), às festas da colheita da época greco-romana (Araújo, 2000) e às festas de loucos (Heers, 1983; Auger, 1974) e charivaris das confrarias medievais (Grimberg, 1975) realizadas numa larga faixa de tempo que vai de novembro a fevereiro. Aos poucos, o conceito de Carnaval vai se reduzindo àquele conjunto de festas que acontecem num vago período anterior ao início da Quaresma⁸⁰.

O carnaval até o século XIX e, sobretudo antes do Renascimento, é característico por seu papel intermediário. “A festa, nesse momento, se define não por seu formato, mas sim pelo fato de ela assinalar um momento de passagem” e o “adeus à carne” com a chegada da Quaresma torna-se “*carna vale*” e finalmente, o Carnaval⁸¹.

Será no contexto oitocentista que as especificidades do Carnaval tomam forma e passam a ser organizadas. A exemplo da cidade de Paris, que no início do século XIX se torna local de constante empenho na recuperação e invenção das origens e de uma tradição carnavalesca. Nos jornais parisienses foram impressos “diversos textos que procuravam recuperar uma espécie de genealogia do Carnaval da cidade, na qual ganham destaque antigos costumes e festividades ‘carnavalescos’ que justificariam a existência de um Carnaval parisiense que queria se impor como parâmetro da festa em todo o mundo”⁸².

Visto isso, sabemos que não existe *receita* para o Carnaval. A festa carnavalesca pode ser um rito de inversão de uma determinada realidade social, como poderá legitimar essa realidade que tantas vezes se coloca como excludente. Para exemplificar essa questão, basta pensarmos como acontece em alguns carnavais brasileiros. Os desfiles de escolas de samba costumam visibilizar comunidades carentes, de onde provêm tantas agremiações carnavalescas, levando para o centro das atenções do grande público realidades que muitas vezes estão postas à margem. E ao mesmo tempo existem carnavais de difícil acesso. Festividades carnavalescas *prive*, caras e sofisticadas. Para poucos. Adiante iremos abordar, sobretudo, os carnavais da inversão de papéis, o sonho, a fuga do cotidiano.

⁸⁰ Idem.

⁸¹ Idem, p. 320.

⁸² Idem.

2.1- Escolas de Samba: dos blocos à apoteose

Com suas origens nos blocos carnavalescos da segunda metade do século XIX, as primeiras escolas de samba teriam surgido no Rio de Janeiro na década de 1920. Juntamente dos blocos, o Carnaval oitocentista carioca era vivenciado pelos ranchos. Estes, conforme descreve Cavalcanti, “desfilavam também com enredo, fantasias e carros alegóricos ao som de sua marcha característica e eram organizados pela pequena burguesia urbana”. Já os blocos, “núcleo social” que dá origem às escolas de samba, reunia, sobretudo, uma população mais pobre, proveniente dos morros cariocas⁸³.

Ainda hoje podemos observar como as escolas de samba estão vinculadas às localidades de onde são originárias. É comum que os nomes das escolas expressem suas origens: Beija-Flor de Nilópolis, Mangueira, Salgueiro e tantas outras. São as chamadas “comunidades”, berço da maioria das agremiações. Contudo, diferentemente da relação horizontal que demarcava com evidência as diferenças sociais entre os blocos e os ranchos, as escolas de samba trazem algo novo, uma espécie de “integração das classes”⁸⁴. Para Cavalcanti:

as escolas de samba, e em especial as grandes escolas, trouxeram uma novidade sociológica. Com ela, a rede de reciprocidade estabelecida através do desfile ultrapassou a dimensão horizontal. Não se trata mais apenas das ruas do bairro periférico e dos bairros periféricos relacionando-se e competindo entre si. Elas relacionam [...] os diferentes bairros da cidade e as diversas camadas da sociedade, tecendo uma rede de relações (Mitchel, 1969) que atravessa a cidade⁸⁵.

Embora existam polêmicas e controvérsias a esse respeito, considera-se como a primeira escola de samba a Deixa Eu Falar, do Estácio, bairro carioca. O surgimento desta escola estaria atrelado às relações construídas em torno de Tia Ciata na chamada “pequena África”⁸⁶. A partir dos blocos existentes nos morros, naquele mesmo contexto surgiram as escolas de samba Mangueira, Portela (1932) e Salgueiro (1932/1933)⁸⁷.

⁸³ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. p. 39.

⁸⁴ Idem, p. 41

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

⁸⁷ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. p. 39.

As escolas de samba se formam a partir de um universo que engloba diversas referências: a herança festiva dos cortejos processionais, a tradição carnavalesca dos ranchos, blocos e cordões e os sons das macumbas, batuques e sambas cariocas. São frutos, portanto, da articulação dessas diversas influências e de uma série de interesses políticos e sociais que marcavam a primeira metade do século XX no Distrito Federal⁸⁸.

O primeiro desfile de escolas de samba ocorreu em 1932⁸⁹. Com a crescente popularidade e surgimento de novas escolas no Rio de Janeiro, fundou-se em 1934 a União Geral das Escolas de Samba. A partir de 1935 as escolas passaram a contar com incentivos governamentais, como já ocorria com os demais grupos carnavalescos existentes. Novas associações foram fundadas, até que em 1952 se reuniram as três existentes, formando a Associação das Escolas de Samba⁹⁰.

Na década de 1950, configurou-se com nitidez o conjunto de processos que definiu do rumo das escolas de samba nas décadas seguintes. A ampliação de suas bases sociais progrediu com a participação crescente das camadas médias, incluindo a presença de cenógrafos e artistas plásticos na produção do desfile⁹¹.

Juntamente a essa integração social promovida pelos desfiles de escolas de samba, ocorreu a comercialização dos mesmos. Em 1962 a Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, recebia uma nova estrutura para os dias da festa carnavalesca, arquibancadas eram instaladas para receber o público que, a cada Carnaval crescia ainda mais. No mesmo ano iniciou a venda de ingressos aos foliões⁹².

Na década de 1980 já se definia o grupo das “grandes escolas”, que mais tarde culminou na fundação da Liga Independente das Escolas de Samba (Liesa) em 1984. A partir dali podemos perceber uma clara distinção entre escolas de samba, caracterizada por escolas que vivenciaram o processo de integração social e comercialização do carnaval com mais efetividade do que outras. A “apoteose” deste processo provavelmente tenha se dado entre 1983 e 1984. Em 1983 foi feito o primeiro contrato de transmissão televisiva dos desfiles das

⁸⁸ MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. *Samba de enredo: história e arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p.14.

⁸⁹ Dados da Riotur (Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro S.A), criada em 1972.

⁹⁰ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. p. 42.

⁹¹ Idem.

⁹² Idem.

escolas de samba. No ano seguinte é construído pelo governo do Estado do Rio de Janeiro o Sambódromo, a Passarela do Samba projetada por Oscar Niemeyer⁹³.

2.2 - Sambas-enredo: a ideia cantada na avenida

O samba desceu o morro e tomou o Brasil. Antes do samba-enredo havia simplesmente o samba, palavra provavelmente originária do quimbundo *di-semba* e empregada para denominar a dança e a música produzida pela comunidade negra carioca. Ainda antes disso, samba designava as danças afro-brasileiras em geral e depois alguns ritmos africanos provenientes do Congo e de Angola. Mas o samba chamado de raiz, este que nos é mais próximo, teria surgido enquanto gênero musical nas primeiras décadas do século XIX⁹⁴.

Esse ambiente urbano – marcado pela circulação de múltiplas referências culturais entre os vários grupos que o habitavam – moldou de forma diferente a matriz do samba rural baiano, que, em contato com outros gêneros musicais, deu origem a outros estilos de samba⁹⁵.

Esse diálogo intercultural que desembocaria no samba, referido por Mussa e Simas, tem relação com a chegada de escravizados oriundos da Bahia ao Sudeste. Com a crise do plantio da cana-de-açúcar e posterior crise do café no Vale do Paraíba, ocorre uma migração bastante numerosa de pessoas escravizadas e libertas para o Rio de Janeiro, então capital do Império⁹⁶.

Sobre a origem do samba-enredo, subgênero do samba, este que embala musicalmente o enredo das escolas que desfilam na avenida, existem controvérsias. Existe uma disputa pelo mérito de ter composto um samba-enredo pela primeira vez. Não obstante, tudo indica que a primeira composição seja da década de 1930, quando começariam a ser escritos sambas sobre

⁹³ Idem, p. 42-43.

⁹⁴ MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. *Samba de enredo: história e arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 12-13.

⁹⁵ Idem, p. 13.

⁹⁶ Idem.

os temas dos desfiles⁹⁷. Contudo, conforme Tinhorão, a denominação “samba-enredo” passa a ser usada apenas na década de 1950⁹⁸.

Cavalcanti elabora uma espécie de linha do tempo da história do samba-enredo, analisando as principais características destes no decorrer das décadas:

Até a década de 1950, os sambas-enredo tematizavam versões “oficiais” da história e do folclore do país, como se suas letras duplicassem com palavras a eleição do samba como ritmo musical caracteristicamente nacional. Na década de 1960, a tônica da abordagem foi significativamente alterada com a introdução de visões alternativas, entre elas especialmente a temática negra de inspiração “afro”. A partir de 1970, o universo temático se ampliou ainda mais com a introdução de temas oníricos⁹⁹.

Da década de 1970 em diante, os temas foram ficando cada vez mais diversos no carnaval do Rio de Janeiro. Segue a autora:

Nos dias de hoje, os enredos abordam os mais diferentes assuntos, e, muito embora não se evidencie claramente uma predominância temática, o regulamento do desfile recomenda a apresentação de enredos ‘que tenham raiz e/ou influência da cultura brasileira’¹⁰⁰.

Os sambas-enredos podem ser percebidos em uma perspectiva sociológica e/ou histórica através de uma característica que seria própria desta expressão cultural, a cooptação e/ou a resistência. Sobre a tarefa de analisar sambas-enredo, assinala Cavalcanti “revela a interação tensa entre os níveis distintos de cultura e grupos sociais diferentes, pois na passagem do enredo a samba-enredo e na criação deste último confrontam-se visões de mundo diferenciadas”¹⁰¹.

⁹⁷ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. p. 95.

⁹⁸ Apud. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. p. 95.

⁹⁹ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. p. 96.

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ Idem, p. 96-97.

2.3 - Do Entrudo às escolas de samba: sobre os Carnavais passofundenses

A fuzarca carnavalesca em Passo Fundo veio se atualizando com o passar do “trem” da história. Desde os carnavais de clubes aos de rua, dos blocos às escolas de samba e destas aos climatizadores das escolas – que não as de samba¹⁰².



Figura 5: Desfile das escolas de samba de Passo Fundo. Foto de Rafael Czamanski. Fonte: Jornal O Nacional. Disponível no Arquivo Histórico Regional (AHR/UPF)¹⁰³

Ainda no início do século XX, o artigo 102 do Capítulo XVI do Código de Posturas de Passo Fundo (1914) deliberava sobre o Entrudo¹⁰⁴: “Qualquer espetáculo ou passeio carnavalesco não poderá ser levado a efeito sem prévia licença do subintendente, que só concederá quando o seu programa não ofender à moral e bons costumes. Pena: multa de 10\$00”. Não obstante, no artigo 112 do mesmo capítulo prosseguia: “É proibido jogo de entrudo com água ou qualquer coisa que molhe ou enxovalhe. Pena: multa de 5\$ a 10\$000.

¹⁰² Sobre a transferência de recursos até então destinado às escolas de samba para as escolas municipais, ver: <https://catracalivre.com.br/geral/educacao-3/indicacao/prefeito-destina-verba-do-carnaval-para-instalar-ar-condicionado-em-escolas-do-rs/>; Acessado em 27/06/2018.

¹⁰³ O NACIONAL. Carnaval de Rua 2002. Passo Fundo, *O Nacional*, n. 21957, 13 fev. 2002, capa.

¹⁰⁴ Entrudo pode ser definido como uma série de jogos e brincadeiras populares, introduzidas no Brasil pelos portugueses no século XVI, que também foram associadas ao carnaval brasileiro.

Parágrafo único – Os limões de cheiro e objetos semelhantes, para entrudo, que forem encontrados à venda, serão inutilizados e sofrerá o fabricante ou vendedor a mesma multa¹⁰⁵.

Nota-se aqui uma preocupação por parte deste Código com o Carnaval e os “bons costumes”, que sofriam o risco de serem postos abaixo pela folia que antecede a Quaresma. Não nos cabe neste momento discutir os comportamentos que poderiam ser considerados imorais à sociedade passofundense do início do século XX, precisamente a de 1914. Outrossim, entendemos como uma excelente questão para futuras pesquisas.

No mesmo livro, *Páginas da Belle Époque Passo-fundense*, Damian e Damian nos apresenta uma notícia publicada no jornal *Gaúcho* no dia 08/01 de 1911, portanto, antes do Código de Posturas de 1914. O periódico passofundense dava destaque à fundação do Cordão Carnavalesco Mão Negra. Os autores assinalam também que, anos depois, em 1925 a cidade veria nascer os blocos de carnaval. O Bloco 21 e o Bloco 25 são citados. Sobre o Bloco 25, destacaram o fragmento de jornal do ano de 1926. Teria ocorrido grande festa de Carnaval no salão do Cine Ideal no dia 16/01 de 1926, notificou o jornal *Gazeta*. Na ocasião, os foliões foram trajados à moda Luiz XV ao chamado “baile das Marquesinhas”¹⁰⁶.

Organizado pelos ferroviários, o bloco Vae Como Pode brincou Carnaval em 1928, juntamente com o bloco Flor da Serra. Este último teria sido composto por uma sociedade denominada Brilho do Brasil, que além de colocar o bloco na rua, organizou bailes nos salões do Hotel Avenida. A Sociedade Visconde do Rio Branco abrilhantou em muito os Carnavais de Passo Fundo. Foi notícia no jornal *O Nacional* em 1928 o percurso de seu bloco de carnaval, o Flor da Mocidade, pelas ruas passofundenses. Destaque para sua “excelente orquestra e a presença de sua soberana”¹⁰⁷.

O Clube Visconde do Rio Branco fora fundado oficialmente em 1916. Contudo, sua origem está relacionada à outra entidade fundada em 1912, a Sociedade José do Patrocínio. Em 1932 a Sociedade Recreativa Visconde do Rio Branco inaugurou sua sede, palco de Carnavais que se eternizaram na memória de muitos passofundenses. Antes de 1932 o clube

¹⁰⁵ Apud. DAMIAN, Heleno Alberto; DAMIAN, Marco Antonio. *Páginas da belle époque passo-fundense*. Passo Fundo: Passografic, 2008. p. 46.

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ Idem, p. 47.

teve sua sede em um endereço próximo à esquina das ruas Morom e 20 de Setembro, onde ainda hoje – em ruínas – persiste¹⁰⁸.

No Clube Visconde do Rio Branco eram comuns os encontros, as socializações, as festas (como, por exemplo, os casamentos, aniversários e os bailes de debutantes), as danças, os jogos, entre outras atividades recreativas e culturais. Contudo, uma das atividades culturais mais famosas promovidas pelo Clube Visconde do Rio Branco durante o século XX foram as festividades populares de carnaval, que atraíam pessoas de todas as etnias e classes sociais¹⁰⁹.

Na década de 1950 o Visconde do Rio Branco teria fundado sua escola de samba. Na mesma década, em 1953 surge outra escola de samba, a Sociedade Recreativa Garotos da Batucada. Segundo Batistella e Ribeiro, a Garotos da Batucada foi fundada através de uma dissidência do escola de samba Visconde do Rio Branco. Na década de 1970 novas escolas de samba são fundadas em Passo Fundo, a saber, Bonsucesso (1971) e a Particulares do Ritmo (1977)¹¹⁰.

¹⁰⁸ BATISTELLA, Alessandro; RIBEIRO, Odorico José. Os Afro-descendentes em Passo Fundo. In: TEDESCO, João Carlos; NEUMANN, Rosane Marcia; BATISTELLA, Alessandro (Org.) *A formação étnica de Passo Fundo: história, memória e patrimônio*. Erechim: Allprint Varella, 2017. p. 153-154.

¹⁰⁹ Idem, p. 154.

¹¹⁰ Idem, p. 155-156.



Figura 6: Desfile das escolas de samba. Fonte: Jornal O Nacional. Disponível no Arquivo Histórico Regional (AHR/UPF)¹¹¹

A partir da década de 1990 novas escolas desfilavam no Carnaval da cidade. São citadas por Batistella e Ribeiro as escolas Mocidade Independente, Bambas da Orgia, União da Vila, Imperadores do Samba, Pandeiro de Prata e Era de Aquários. Por sua vez, as escolas de samba Academia de Samba Cohab I, Unidos da Operária e Acadêmicos do Chalaça tiveram suas origens após os anos 2000¹¹².

Desde o ano 2000 – início da análise presente no terceiro capítulo - os desfiles oficiais, tanto o do grupo especial quanto o do grupo de acesso foram realizados através de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Passo Fundo, a Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Desporto (SETUR), atual Secretaria de Desporto e Cultura (SEDEC) e a Associação das Entidades Carnavalescas de Passo Fundo, atualmente Liga Independente das Escolas de Samba de Passo Fundo (LIESPF) com o patrocínio de empresas do setor privado.

¹¹¹ O NACIONAL. É hoje o dia da folia. Passo Fundo, *O Nacional*, n. 22804, 05 fev. 2005, capa.

¹¹² Idem, p. 156.

CAPÍTULO 3 – AGÔ! ABRAM ALAS QUE O TERREIRO VAI PASSAR

*Hoje o meu terreiro é na avenida
No asfalto vou armar o meu congá
Com danças, fetiches e magia
Que o meu povo contagia
E lindos cantos aos orixás*

(Santa Cruz, 1984)

Podemos pensar o Carnaval passofundense enquanto uma festa popular carregada de significados para as pessoas que o vivenciam, sendo capaz de representar histórias e memórias de grupos sociais como os seguidores das religiões afro-brasileiras. “As diferentes regiões e cidades do país depositam [...] nas festas a sua própria história e memória, em permanente elaboração”. Conforme Cavalcanti, por mais tradicionais que sejam, é comum que as festas passem por processos de alteração de seus sentidos. Deste modo, as festas são capazes de construir e atualizar as memórias e identidades dos grupos sociais¹¹³.

A respeito dos carnavais que iremos tratar nesse capítulo, destaca-se a definição de DaMatta:

No carnaval, tudo se passava como se a sociedade fosse capaz de, finalmente, inventar um espaço social onde a rua e casa se encontrassem. Pois se a festa tem aspectos públicos (como os desfiles e os grupos formais), ela permite um conjunto de gestos (e ações) que, em geral, só se realizam em casa¹¹⁴.

Logo nos primeiros contatos com as fontes – que serão apresentadas adiante – pudemos perceber uma possível intencionalidade, por parte dos agentes das religiões afro-brasileiras em formular, através dos desfiles das escolas de samba um *sentido de presença*. Seria durante o carnaval que os adeptos das religiões afro-brasileiras colocam o “terreiro na

¹¹³ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *As grandes festas*. In: SOUZA, Márcio de; WEFORT, Francisco (Orgs.). *Um Olhar sobre a cultura brasileira*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Ministério da Cultura, 1998. p. 296.

¹¹⁴ DAMATTA, Roberto. Carnavais, *Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. Idem, p. 137.

avenida”, celebrando suas divindades em plena rua¹¹⁵. É saindo das periferias e adentrando o centro da cidade que suspendem, temporariamente, a ordem social vigente. “Invertem-se” os papéis e a fuga de um cotidiano intolerante para uma realidade ideal, acontece em bando.

Os chamados *enredos negros* ou *enredos afro-brasileiros* são poéticas carnavalescas fortemente influenciadas por uma ideia de africanidade. Embalados na perspectiva do *Negro é Sensacional* teriam começado a surgir entre as escolas de samba do Rio de Janeiro na década de 1950 onde, entre outras, destaca-se como pioneira a escola de samba Salgueiro. Mas será na década de 1970 que a poética negra dará maior enfoque à herança cultural africana, sobretudo, a religiosidade. Com base em suas pesquisas sobre sambas enredo, Simas e Mussa indicam a Império da Tijuca como a “primeira escola de samba a descer com um enredo monográfico sobre as religiões afro-brasileiras” em 1971. O samba *Misticismo da África para o Brasil* foi composto por Marinho da Muda¹¹⁶.

Os *Cadernos de Programação e Regulamento* publicados pelas entidades realizadoras dos desfiles das escolas de samba de Passo Fundo são as fontes deste trabalho, com o qual pretendemos obter respostas acerca das perguntas que foram suscitadas das relações entre terreiro e escola de samba¹¹⁷. Os *Cadernos de Programação e Regulamento* aos quais tivemos acesso datam os anos 2000, 2001, 2003, 2004, 2006, 2007, 2008, 2011, 2014 e 2015, tendo sido disponibilizados pela SEDEC (Secretaria de Desporto e Cultura) para nossa pesquisa. Como não tivemos acesso ao material de divulgação de seis carnavais, sendo eles os de 2002, 2005, 2009, 2010, 2012 e 2013, nos restringimos à análise de apenas dez sambas enredo.

Ao que tudo indica os *Cadernos de Programação e Regulamento* cumpriam a função de organizar e divulgar a festividade carnavalesca para as escolas de samba e entre o público geral. Os livretos informavam ao público os enredos, sambas-enredos e as escolas de samba participantes do Carnaval de cada ano. A cada Carnaval o formato do livreto passava por mudanças e adequações. O suporte de impressão, a diagramação das páginas e a variação de dados apresentados sobre as escolas, bem como o regulamento vigente naquele ano era frequentemente atualizado. Entre as informações disponibilizadas sobre as escolas de samba

¹¹⁵ Caminhos, ruas e encruzilhadas são considerados espaços sagrados para essas religiões. É o local onde habita o orixá Bará, Exus e Pombagiras.

¹¹⁶ MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. *Samba de enredo: história e arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 98.

¹¹⁷ Nosso primeiro contato com as fontes aconteceu por intermédio de Júlio César Fonseca de Carvalho, a quem agradecemos imensamente pelo incentivo. Após isso, conseguimos acesso aos documentos na Secretaria de Desporto e Cultura (SEDEC) a partir da pessoa de Magda Cavalheiro, a quem agradecemos pela disponibilidade e confiança.

estavam o nome das escolas, de seus presidentes, carnavalescos e coreógrafos, dos diretores de harmonia, alegoria e adereço, identificação de mestre-sala, porta-bandeira, porta-estandarte, passistas, puxadores de samba, mestre e madrinha de bateria, rainhas, princesas, entre outros cargos e hierarquias de uma escola de samba. Algumas escolas não informam o nome do carnavalesco, outras não inserem o ano de sua fundação, assim como umas descrevem as alas e o enredo com mais detalhes do que as outras. Essa disparidade de informações explica-se em razão de que os próprios agentes das escolas de samba elaboravam o conteúdo que iria ser divulgado, como nos leva a entender o livreto de 2000: “Os dados contidos neste livreto foram fornecidos pelas Entidades Carnavalescas participantes do Carnaval de Rua de 2000, sendo que a responsabilidade sobre as informações é única e exclusivamente de cada uma das entidades”¹¹⁸.

Além da ficha técnica, o informativo também fazia saber o regulamento ao qual as escolas de samba se submeteram no ato de inscrição do desfile. Exigências como o número mínimo de integrantes que deveriam ter as escolas, questões relativas ao tempo do desfile e etc. Alguns livretos, a depender do ano, continham planilha com os horários dos desfiles, planilha de apuração de notas, classificação e o percurso do desfile de Carnaval.

3.1 - É reza, samba e ponto de macumba: sambas enredo dos desfiles das escolas de samba de Passo Fundo (2000-2015)

Entre os anos 2000 e 2015 os desfiles das escolas de samba de Passo Fundo aconteciam na movimentada Avenida Sete de Setembro que uma vez por ano transformava-se na passarela do samba¹¹⁹. Nos dias de desfile a avenida, travestida de sambódromo – entre a Av. Brasil e a Av. Presidente Vargas, tornava-se inacessível aos veículos que todos os dias trafegavam por ali, passando a ser via exclusiva de carros alegóricos¹²⁰. E assim se iniciava a “fuga do cotidiano” proporcionada pelo Carnaval.

Durante esse período diversas escolas de samba buscaram nas religiões afro-brasileiras as temáticas de seus desfiles. Os *enredos negros* revelam uma cidade que ansiava por

¹¹⁸ REGULAMENTO geral, histórico e enredo das entidades: desfile das escolas de samba de Passo Fundo. Passo Fundo, 2000. p. 40.

¹¹⁹ Exceto 2001, quando o desfile teria ocorrido na Av. Brasil, entre as ruas Benjamin Constant e a Bento Gonçalves. Ver: REGULAMENTO geral, histórico e enredo das entidades: desfile das escolas de samba de Passo Fundo. Passo Fundo, 2001. p. 43.

¹²⁰ Informação presente nos livretos. Ver: REGULAMENTO geral, histórico e enredo das entidades: desfile das escolas de samba de Passo Fundo. Passo Fundo, 2000-2015.

aparecer. Conforme mencionamos anteriormente, não tivemos acesso aos livretos de todos os Carnavais entre 2000 e 2015, mas sim o material referente a dez de um total de dezesseis Carnavais. Contudo, em uma busca nos arquivos do jornal *O Nacional* pudemos encontrar os temas enredo e até mesmo alguns sambas enredo que foram para a avenida naqueles seis anos. Através da análise das fontes do período, identificamos quatorze sambas enredo cujo enfoque principal ou secundário é a religiosidade afro-brasileira. Nos jornais identificamos poucos sambas enredo nesses seis anos, na maioria das vezes apenas eram citadas as temáticas que seriam trabalhadas pelas escolas de samba. Fora os quatorze sambas, identificamos dois temas enredo que também versam sobre as religiões afro-brasileiras. Portanto, dezesseis seria o número de enredos e sambas enredos que utilizam das religiões afro-brasileiras como tema, num total de 109 enredos diferentes propostos entre 2000 e 2015 – ver Anexo II. Possivelmente esse número se modifique uma vez que possamos acessar os sambas enredo de todos os anos.

No ano 2000 as temáticas dos desfiles foram diversas, havendo escolas de samba que desenvolveram em seu enredo homenagens a cidades como o Rio de Janeiro, outra homenageou uma personalidade local, houve celebração dos quinhentos anos da chegada dos portugueses ao Brasil e, finalmente, duas escolas escolheram como enredo os orixás.

A escola de samba Bom Sucesso levou para a avenida o samba enredo *Uma Viagem à Criação do Universo* (2006)¹²¹, de Jorge Medeiros. Este samba canta a criação do universo a partir de uma perspectiva iorubana, relegando-a a *Olorum*:

Ora, vejam

Vejam

Essa viagem emocionante

Olorum criou o homem

Em busca de um universo fascinante

O samba segue contando a criação do universo através de Olorum até que “O grande criador do céu / Foi abraçado pelo destino cruel / O homem não soube cumprir o seu papel”.

¹²¹ REGULAMENTO geral, histórico e enredo das entidades: desfile das escolas de samba de Passo Fundo. Passo Fundo, 2000. p. 15.

O fracasso humano estaria ligado à forma negligente com que se relaciona com a natureza. E eis que:

Pairou na terra a esperança

Com os nossos orixás

Na inocência da criança

Na paz de Oxalá

Viram o poder da criação

Se encantaram e cumpriram nobre missão

Deslumbraram a mãe natureza, compreenderam que o homem

Tem a função

Do trabalho, do amor e da justiça

E que a beleza está nas mãos de todo artista

No mesmo ano, com *Tributo aos Orixás* (2000)¹²² de Rovaldo E. Dutra, a União da Vila desfilou com um samba enredo monográfico sobre essas divindades, contextualizando a diáspora africana e a condição dos escravizados que:

Pediam luz e liberdade

Ao pai Bará, dono das ruas em oração

Abre os caminhos Ogum guerreiro

Pra essa raça que tem fé e devoção

O rei Xangô trovão e justiceiro

Rainha Iansã bons ventos trás a seus Eguns

Oxum faceira dona do ouro

Trás a riqueza e harmonia pro meu povo

¹²² Idem, p. 27.

Citando vários orixás em seu enredo, a União da Vila adentra outro campo polêmico, as questões de gênero e transgênero através da mitologia de um orixá “Oxumaré é o orixá que deu o que fala / Filho de Inlé / Seis meses ele é homem / Seis meses é mulher”.

No ano seguinte, a União da Vila insiste no tema com o samba de César de Camargo, *Deuses Iorubá* (2001)¹²³. “A União da Vila vem aí / Vem aí / Saudar os Deuses Yorubás / Yorubás / Ao povo iremos saudar / Os Deuses Yorubás / Na cidade de Passo Fundo”. Na estrofe abaixo, quando é citado o orixá Oxalá, podemos perceber uma estrutura bastante próxima de pontos – cânticos – de umbanda, relacionando a divindade, a natureza e as aflições humanas:

Fui lá na beira da praia
 Minha fé encontrar
 Encontrar
 E pedir a Oxalá, a Oxalá
 Meus pedidos alcançar
 Alcançar

Ainda em 2001, a Escola de Samba Acadêmicos do Sol presta uma homenagem ao mesmo orixá mencionado no samba enredo da Unidos da Vila. *Homenagem ao Grande Pai Oxalá* (2001)¹²⁴ foi feita pelo compositor Gilson Cardoso. Contudo, o samba canta também os orixás Oxum, Iansã e Xangô:

Acadêmicos do Sol homenageia
 O Grande Pai Oxalá
 E na avenida com alegria
 Com os negros a mãe Oxum vem cantar
 (...)
 Xangô, Xangô guardião da justiça
 Trouxe para essa passarela
 Muita força e alegria

¹²³ REGULAMENTO geral, histórico e enredo das entidades: desfile das escolas de samba de Passo Fundo. Passo Fundo, 2001. p. 33.

¹²⁴ Idem, p.37.

Para esse Carnaval
 Essa magia que faz
 O povo cantar a felicidade
 Dançando com os orixás
 Iansã a dona dos raios
 Trazendo o reino dos orixás

Esse samba não apenas celebra os orixás, como passa a ideia de que eles “estariam” presentes na avenida juntamente dos foliões: “E na avenida com alegria / Com os negros a mãe Oxum vem cantar”. Xangô, por sua vez “guardião da justiça / Trouxe para essa passarela / Muita força e alegria”.

Já em 2006, a Escola de Samba Bom Sucesso menciona Iemanjá em seu samba enredo. Escrito por Felipe Grizoste e Luis André Nunes, *Nos braços de um povo arretado a Bom Sucesso mostra o Nordeste e cai no xaxado* (2006)¹²⁵ faz um tributo à cultura nordestina. Outra palavra presente no samba da Bom Sucesso e que tem relação com as crenças afro-brasileiras é uma iguaria típica da Bahia, o acarajé. O acarajé é considerado alimento sagrado por religiões como o batuque e o candomblé, sendo servido à orixá Iansã.

Em 2008 a Bom Sucesso desfilou com o samba enredo *Negras memórias, memórias de negro, negro de África. Áfricas do Brasil* (2008)¹²⁶, de Zeca Swinguinho. Neste samba o compositor exalta a cultura afro-brasileira do samba à capoeira, reservando uma estrofe para a religiosidade:

Urunmila vem revelar
 A plenitude pra encontrar
 Aos orixás eu peço axé
 Nos terreiros cantam e dançam o candomblé

¹²⁵ REGULAMENTO geral, histórico e enredo das entidades: desfile das escolas de samba de Passo Fundo. Passo Fundo, 2006. p. 26.

¹²⁶ REGULAMENTO geral, histórico e enredo das entidades: desfile das escolas de samba de Passo Fundo. Passo Fundo, 2008. p. 24.

No mesmo ano a União da Vila volta à avenida e trás junto de si os orixás. Dessa vez apenas Iemanjá aparece no samba *A Lua e o Folclore. Cairé e Catiti e a magia das deusas das águas* (2008)¹²⁷, assinado por Baddy:

Canta meu povo canta
A Vila vai festejar
É dia santo
Ó doce yabá, Janaina, Iemanjá

Em 2011 a mesma escola de samba desfilou com *Nasci do pecado, dos sete pecados me criei – Sou azul e branco pecador na Avenida sou rei* (2011)¹²⁸ de Paulo Almeida e Vini do Bando. Pela primeira vez – dentre os documentos que estamos a analisar - a União da Vila relaciona seu enredo às crenças afro-brasileiras sem citar alguma divindade: “No giro da baiana eu vou cantar / Este samba é verdadeiro / Pra afastar o mal – olhado/ Vou tomar banho de água de cheiro”. Banhos de água de cheiro são muito populares em rituais dessas religiões.

Em 2014 mais escolas de samba decidem por botar o terreiro na avenida. Os Acadêmicos do Chalaça entra na avenida com o samba enredo de Conrado Laurindo, Fred Inspiração, Ricardo Abraham e Wilian Tadeu, *Chalaça apresenta: a África chega ao país do samba* (2014)¹²⁹. “Semente que a luta negra germinou / Pelos quilombos se espalhou / Cruzando os séculos, batalhas sem cessar / Trazendo, de Ogum, o sangue guerreiro / De Xangô, o machado justiceiro / E a aura cristalina de Oxalá”. E desta forma a escola de samba exalta a herança cultural africana:

É axé! É axé! Meu povo pede axé!
É a luz de quem é batizado na fé
No canto da raça, sacode a massa
A vibração do meu Chalaça

¹²⁷ Idem, p. 30.

¹²⁸ REGULAMENTO geral, histórico e enredo das entidades: desfile das escolas de samba de Passo Fundo. Passo Fundo, 2011. p. 37.

¹²⁹ REGULAMENTO geral, histórico e enredo das entidades: desfile das escolas de samba de Passo Fundo. Passo Fundo, 2014. p. 35.

No mesmo ano a escola Bambas da Orgia saiu com o samba de Victor Nascimento *Negra Gjinga Rainha Ngola Símbolo de uma Raça* (2014)¹³⁰. Esse samba enredo menciona a orixá Oiá/Iansã “Eparrei Oyá deusa dos raios que me guia vem abençoar”.

Salve Chalaça! Salve Jorge! Ogum-nhê!(2015)¹³¹ foi o samba enredo que animou o desfile dos Acadêmicos do Chalaça em 2015. “Ogunhê, meu pai / Meu quilombo vai / Com as mãos para o céu, fazer oração / Chalaça canta em sua louvação”. Talvez seja esse o samba enredo que mais deixa evidente o hibridismo entre os orixás e os santos católicos.

Um dos últimos sambas enredo a animar um desfile de escola de samba na Avenida Sete de Setembro tem autoria conjunta de Vinicius Machado (Vinydacor), André Rosa, Nando do Cavaco, Mamau de Castro, André Filosofia, Diley Machado e Xandinho Nocera e se chama *A Academia do Samba Cohab I com o bater de seus tambores no mesmo compasso dança índios, brancos e negros, é Carnaval* (2015)¹³². Celebrando o Carnaval e a miscigenação das raças, a escola de samba não deixa de evidenciar a presença dos orixá na cidade:

Mãe negra seu filho é pura tradição
 Na força da fé, muito axé, louvação
 Oi gira o corpo pra saudar seu orixá
 Ogunhê meu pai Odoya Iemanjá

Mesmo que o enunciado do samba indique um carnaval onde “dança índios, brancos e negros”, apenas as divindades originalmente cultuadas por esses últimos é que são saudadas no samba enredo.

¹³⁰ Idem, p. 56.

¹³¹ REGULAMENTO geral, histórico e enredo das entidades: desfile das escolas de samba de Passo Fundo. Passo Fundo, 2015. p. 32.

¹³² Idem, 53.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente trabalho pudemos perceber as histórias do Carnaval e das religiões afro-brasileiras enquanto elementos culturais que, no caso de Passo Fundo, estão muito próximos um do outro. Não apenas pelo incansável empenho que os membros das escolas de samba tiveram em seus últimos quinze anos de desfile em divulgar os orixás e a fé de matriz africana para o público passofundense. Também existe a proximidade física, a localização periférica em que se encontram o terreiro e a escola de samba.

O terreno passofundense já era hostil à presença de religiões como o batuque desde o fim da década de 1920, vide fragmento do jornal *O Nacional*¹³³. Como essas religiões em geral se organizam na prática da oralidade e não da escrita, a maioria das fontes existentes sobre elas são registros de outrem, dificilmente encontramos o *falar de si* por parte das mesmas, exceto durante o Carnaval. No desfile, a escola de samba e o terreiro parecem se fundir em um só, tornando difícil perceber as fronteiras entre um e outro. Isso nos traz um questionamento que pretendemos levar adiante em outros estudos: será a escola de samba agente divulgadora das religiões afro-brasileiras durante o desfile ou será o terreiro agência orientadora dos dirigentes das escolas e seus respectivos desfiles de escolas de samba? Ou será os dois?

O que nos parece evidente é a instrumentalização da festa enquanto divulgadora das religiões afro-brasileiras na avenida, mostrando à sociedade “branca”, de onde muitas vezes surgem agressões e ataques de intolerância religiosa, as crenças afrodescendentes de uma maneira alegre e festiva. Outrossim, os *enredos negros* podem visar não apenas a conscientização social e combate aos pré-conceitos, como também devem cumprir um dos papéis do carnaval que é o divertir, que é o gozo. Por mais politizados que fossem as temáticas, poderia não fazer sentido não fossem elas gostosas de se viver e fantasiar na avenida. Desta forma, conforme escreve DaMatta o carnaval é o momento onde a casa e a rua se encontram. É quando se faz na rua – e no caso dos desfiles, se faz para um público - o que normalmente apenas se faz em casa. Talvez o Carnaval seja um dos poucos momentos em que a fé nos agentes espirituais afro-brasileiros, desqualificados por religiões concorrentes,

¹³³ Apud DAMIAN, Heleno Alberto; DAMIAN, Marco Antonio. *Páginas da belle époque passo-fundense*. Passo Fundo: Passografic, 2008. p. 51-52.

estigmatizados pela imprensa e no passado perseguidos pelo Estado, se mostre sem máscaras na rua.

Conforme vimos nesses três capítulos, as religiões afro-brasileiras e as escolas de samba ainda tem muita história a ser estudada pela academia, principalmente a história local. Acerca do Carnaval em Passo Fundo, nas histórias narradas pelas memórias e, sobretudo, divulgadas pelas esquinas e rodas, tendo em vista que não temos muitas publicações sobre o tema, é comum que algumas personalidades e famílias tradicionais sejam reconhecidas por méritos do passado. Esta pesquisa não desconsiderou essas personalidades, muito pelo contrário, elas foram imprescindíveis para que pudéssemos ter uma compreensão mais ampla de como funciona a fuzarca cidadina. Todavia, tendo este trabalho um caráter introdutório às relações entre religião e carnaval, optamos em não citar esses nomes e sobrenomes, em razão do risco que corríamos em enaltecer a memória de uns e esquecer a de outros igualmente importantes, situação que o argumento sobre a bibliografia faltante sobre o tema, por si só, não seria razoável para tamanha injustiça.

Sobre as religiões, da mesma forma, carentes de bibliografia que verse a respeito da história local, escrevemos com o mesmo zelo e cuidado de quem “pisa em ovos”. Passo Fundo conta com uma tradição de terreiros de diferentes matrizes e nações, e parece se colocar como um polo regional de influência das mesmas, sobretudo o batuque. Contudo, não nos basta a compreensão sociológica de como se desenvolve o batuque, a umbanda e a quimbanda na atualidade. Se faz extremamente necessária uma pesquisa acerca das origens do *axé* passofundense. Por isso buscamos o terreiro na avenida e a escola de samba no terreiro. Fica a certeza de que temos muitos Carnavais passados a rememorar.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. *O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro/São Paulo: Nova Fronteira/Fapesp, 1999.
- ÁGUAS de Oxum. Periódico. Passo Fundo: Berthier. ano I – III, 2010 – 2012. – Acervo disponível no Arquivo Histórico Regional (AHR).
- ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica e a santidade do mártir. *Projeto História*, São Paulo, n.37, p. 237-260, dez. 2008.
- ASSUMPCÃO, J. E. Caminhos da História: da África aos afrodescendentes no Brasil Meridional. In: PINHEIRO, A. A. (Org.) *África e Afrodescendentes no Sul do Brasil*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2015.
- BAKKE, Rachel Rua Baptista. Tem orixá no samba: Clara Nunes e a presença do candomblé e da umbanda na música popular brasileira. *Religião e Sociedade*, vol. 27, n. 2. Dec: Rio de Janeiro, 2007.
- BARROS, Sullivan Charles. A simbólica da violência e da transgressão no universo da Quimbanda. *Caminhos*. Goiânia, v. 5, n. 1, p. 107-127, jan./jun. 2007.
- BATISTELLA, Alessandro; KNACK, Eduardo Roberto Jordão. Antologia do Município de Passo Fundo: a cidade e a região durante os séculos XVII, XVIII e XIX. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Passo Fundo, sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007.
- BATISTELLA, Alessandro; RIBEIRO, Odorico José. Os Afro-descendentes em Passo Fundo. In: TEDESCO, João Carlos; NEUMANN, Rosane Marcia; BATISTELLA, Alessandro (Org.) *A formação étnica de Passo Fundo: história, memória e patrimônio*. Erechim: Allprint Varela, 2017.
- BELLOTTI, K. K. História das Religiões: conceitos e debates na era contemporânea. 13. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 55, p. 13-42, jul./dez. 2011.
- BERGER, Peter Ludwig. Religião e construção do mundo/Religião e manutenção do mundo. In: *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BLASS, Leila Maria da Silva. *Desfile na avenida, trabalho na escola de samba: a dupla face do carnaval*. São Paulo: Annablume, 2007.
- BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sérgio (Coord.). *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed.
- BROWN, Diana. Uma história da Umbanda no Rio. In: BROWN et al. *Umbanda e política*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. A Sacralização do Mundo Moderno através dos rituais. In: *Crenças, Sacralidades e Religiosidades: entre o consentido e o marginal*. Florianópolis, Insular, 2009.

- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. As grandes festas. In: SOUZA, Márcio de; WEFFORT, Francisco (Orgs.). *Um Olhar sobre a cultura brasileira*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Ministério da Cultura, 1998.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- COORAL, Janaina Azevedo. *O livro da esquerda na Umbanda*. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.
- CORRÊA, Norton F. *O Batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-riograndense*. 3.ed. São Luís: Editora Cultura e Arte, 2016.
- CORRÊA, Norton. *Os vivos, os Mortos e os Deuses*. 1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Porto Alegre, UFRGS, 1998.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAMIAN, Heleno Alberto; DAMIAN, Marco Antonio. *Páginas da belle époque passo-fundense*. Passo Fundo: Passografic, 2008.
- DIEGUES, Antônio Carlos. *O mito moderno da natureza intocável*. 3ª Ed. São Paulo: HUCITEC, 2001.
- FERREIRA, Felipe. *Inventando carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- ISAIA, Artur Cesar. Chico Xavier: de bem simbólico do Espiritismo ao panteão da Umbanda. Literatura umbandista e identidade religiosa. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Ano 8, n. 24, p. 113-133, jan./abr. 2016.
- ISAIA, Artur Cesar. Umbanda no Rio Grande do Sul: o esforço pela representatividade social nos primórdios de uma religião. In: WEBER, Beatriz Teixeira; ZANOTTO, Gizele (Org.). *Religiões e religiosidades no Rio Grande do Sul: espiritismo e religiões mediúnicas*. São Paulo: ANPUH, 2013. p. 19-46.
- ISAIAS, Maria de Lourdes. Um carnaval que passou em Passo Fundo. In: LECH, Osvandré (Org.). *150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo*. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 194-195
- JÚNIOR, Ademir Barbosa. *Para conhecer o Candomblé*. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.

- KUJAWA, Henrique Aniceto. Formação étnica de Passo Fundo e região. In: DIEHL, Astor Antônio (Org.). *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: EDIUPF, ANO. cap. 1.
- LECH, Osvandré (Org.). *150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo*. Passo Fundo: Méritos, 2007.
- LE GOFF, Jacques. *Historia e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: UNICAMP, 1990.
- LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- MATTOS, Regiane Augusto de. *História e cultura afro-brasileira*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Justicando o cativo: a cultura de resistência escrava. In: GOLIN, Tau. *História geral do Rio Grande do Sul: império*. Passo Fundo: Méritos, 2006.
- MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. *Samba de enredo: história e arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n. 2, p. 261-279, maio/ago. 2008.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. *Tempo Social; Sociol. USP*, São Paulo, 5 (1-2): 113-122, 1993. (editado em nov.1994)
- NUNES, Elton de Oliveira. Teoria e metodologia em História das Religiões no Brasil: o estado da arte. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 55, p. 43-58, jul./dez. 2011. Editora UFPR.
- O NACIONAL. Carnaval de Rua 2002. Passo Fundo, *O Nacional*, n. 21957, 13 fev. 2002, capa.
- O NACIONAL. É hoje o dia da folia. Passo Fundo, *O Nacional*, n. 22804, 05 fev. 2005, capa.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- ORO, Ari Pedro. As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul. *Debates Do NER*, Porto Alegre, ano 9, n. 13, 2008, p. 9-23.
- ORO, Ari Pedro. Atual campo afro-religioso gaúcho. *Civitas*, Porto Alegre v. 12 n. 3 p. 556-565 set.-dez. 2012.
- ORO, Ari Pedro. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 24, n. 2, p. 345-384, 2002.
- PARÉS, Luis Nicolau. *A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

- PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. *Civitas*, Porto Alegre: PUCRS, v.3, n.1, p. 15-34, jun. 2003.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PRANDI, Reginaldo. Pombagira e as faces inconfessadas do Brasil. In: PRANDI, Reginaldo. *Herdeiras do Axé*. São Paulo, Hucitec, 1996, Capítulo IV, p. 139-164.
- PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 151-167, 1998.
- PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- RABELO, M. C. M. Rodando com o santo e queimando com o espírito: possessão e a dinâmica de lugar no Candomblé e Pentecostalismo. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, v. 7, n. 7, p. 11-37, 2005.
- RAMOS, Arthur. *Antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido de Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ROCHA, José Geraldo da; PUGGIAN, Cleonice; RODRIGUES, Luana. Religiões de matrizes africanas: dilemas da intolerância na contemporaneidade. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 12, n. 20 p.145-164, jul/dez. 2011.
- ROSENDAHL, Zeny. A Dimensão do Lugar Sagrado: ratificando o domínio da emoção e do sentimento do ser-no-mundo. *Geo-Working Papers*. N. 14, 2008.
- SABINO, Jeferson. Crenças afro-brasileiras. In: ZANOTTO, Gizele. *Mapeamento do Patrimônio Imaterial de Passo Fundo/RS*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2016.
- SILVA, Petrolina Beatriz Gonçalves e. Africanidades Sul Riograndenses. In: QUEVEDO, Julio; ROCHA, Aristeu C. da (Org.). *Africanidades: Reflexões afro sul brasileiras*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2016.
- TROTTA, Felipe. O samba e suas fronteiras: pagode romântico e samba de raiz nos anos 1990. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.
- WEBER, Beatriz Teixeira, ZANOTTO, Gizele (Orgs.); *Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul: espiritismo e religiões mediúnicas*. São Paulo: ANPUH, 2013.
- ZANOTTO, Gizele. Carnaval. In: ZANOTTO, Gizele (Org.). *Mapeamento do patrimônio imaterial de Passo Fundo/RS*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2016. p.35-38.

ANEXO I

Uma Viagem à Criação do Universo

(Composição: Jorge Medeiros (Ginho) – Bom Sucesso, 2000)

Ora vejam
Vejam
Essa viagem emocionante
Olorum criou o homem
Em busca de um universo fascinante

Na magia...
E na magia da história
O grande criador do céu
Foi abraçado pelo destino cruel
O homem não soube cumprir o seu papel

Avançou no tempo
E na tecnologia
Resgatar, salvar
A Ecologia

Mas um dia...
Pairou na terra a esperança
Com os nossos orixás
Na inocência da criança
Na paz de Oxalá

Viram o poder da criação
Se encantaram e cumpriram nobre missão
Deslumbraram a mãe natureza, compreenderam que o homem
Tem a função
Do trabalho, do amor e da justiça
E que a beleza está nas mãos de todo artista

Rufaram os tambores do terreiro
Para os Deuses Orixás
Criança viajam além do Arco-Íris
Vou festejar
No morro, no asfalto, na avenida
Quero sambar
Sou Bom Sucesso ninguém vai me segurar

Tributo aos Orixás

(Composição: Rovaldo E. Dutra – União da Vila, 2000)

Vamos lá vamos chegando
Que a Vila vai entrar
Bateria vai esquentando
E o cavaco vai chorar

Vamos lá vamos chegando
Que a Vila vai entrar
O meu povo vai cantando
Pra saudar os orixás

Com a vinda dos escravos africanos
Trouxeram junto na bagagem o candomblé
Crenças religiosas de um povo
Tão sofrido e esperançoso
Que tinham sua fé nos orixás

Pediam luz e liberdade
Ao pai Bará, dono das ruas em oração
Abre os caminhos Ogum guerreiro
Pra essa raça que tem fé e devoção

O rei Xangô trovão e justiceiro
Rainha Iansã bons ventos trás a seus Eguns
Oxum faceira dona do ouro
Trás a riqueza e harmonia pro meu povo

Iemanjá senhora das glórias mãe dos orixás
Rainha do mar bela sereia navegando em procissão

Oxalá meu pai superiro divino
Peço a sua proteção para essa grande nação
Nesta noite a passarela
Vai tremer de emoção
E a União da Vila arrebetando os coração

De paixão

Oxumaré é o orixá que deu o que fala
Filho de Inlé
Seis meses ele é homem
Seis meses é mulher

Deixa pra lá
Meu negócio é samba
Com a União da Vila
Até o dia clarear

Com a vinda...

Deuses Iorubás

(Composição: César de Camargo - União da Vila, 2001)

A União da Vila vem aí
 Vem aí
 Saudar os Deuses Yorubás
 Yorubás
 Ao povo iremos saudar
 Os Deuses Yorubás
 Na cidade de Passo Fundo
 A União da Vila vai brilhar
 Vai brilhar

Fui lá na beira da praia
 Minha fé encontrar
 Encontrar
 E pedir a Oxalá, a Oxalá
 Meus pedidos alcançar
 Alcançar

Quando o Carnaval acabar
 Quero a luz encontrar
 A luz encontrar
 É a União da Vila
 Na passarela vai brilhar
 Vai brilhar

Dez anos já se passou
 Se passou
 Que a União da Vila surgiu
 Ai surgiu
 Demonstrou o seu valor
 O seu valor
 E o povo aplaudiu
 Aplaudiu

Homenagem ao Grande Pai Oxalá

(Composição: Gilson Cardoso - Acadêmicos do Sol, 2001)

Acadêmicos do Sol homenageia
 O Grande Pai Oxalá
 E na avenida com alegria
 Com os negros a mãe Oxum vem cantar

No Carnaval eu vou brincar (eu vou brincar)
 Com muito amor vou desfilar (vou desfilar)
 Não vou mais parar de cantar e dançar
 Sou acadêmico e ninguém vai me segurar

Xangô, Xangô guardião da justiça
 Trouxe para essa passarela
 Muita força e alegria
 Para esse Carnaval
 Essa magia que faz

O povo cantar a felicidade
 Dançando com os orixás
 Lançã a dona dos raios
 Trazendo o reino dos orixás

No Carnaval eu vou brincar (eu vou brincar)
 Com muito amor vou desfilar (vou desfilar)
 Não vou mais parar de cantar e dançar
 Sou acadêmico e ninguém vai me segurar

Nos braços de um povo arretado a Bom Sucesso mostra o Nordeste e cai no xaxado
 (Composição: Felipe Grizoste e Luis André Nunes – Bom Sucesso, 2006)

É hoje, chegou o dia, Vermelho e Branco é só magia
 A Bom Sucesso é xaxado, forró e acarajé
 Balança meu mar, deixa o povo sacudir
 No balanço do mar o meu povo vai sacudir

É hoje, chegou o dia, Vermelho e Branco é só magia
 A Bom Sucesso é xaxado, forró e acarajé
 Sacode meu povo para mostrar como é que é
 A Bom Sucesso é xaxado, forró e acarajé

Navegar, navegar o velho Chico te espera para navegar
 Traga uma carranca para nãoafundar
 Vermelho e Branco vai passar

Lampião, cabra da peste,
 Hoje acordou bem humorado, é carnaval
 Vem Maria Bonita,
 Mostrar que tem samba no pé
 Esta terra bendita, de calor e seca,
 Povo sofrido de alegre esperança,
 Gritou por liberdade nas guerras e revoluções,
 Para salvar seus negros da cruel escravidão. É hoje

É hoje, chegou o dia, Vermelho e Branco é só magia
 A Bom Sucesso é xaxado, forró e acarajé
 Sacode meu povo para mostrar como é que é
 A Bom Sucesso é xaxado, forró e acarajé

Quem não lembra das lendas,
 A festa Bumba meu Boi, e nessa dança até o povo balança,
 Salve, salve Iemanjá
 Na batida do Maracatu, do frevo eles vão voltar,
 Voltar para sua terra, Nordeste você é demais,
 São João é festa, é um grande arraiar.

É hoje, chegou o dia, Vermelho e Branco é só magia
 A Bom Sucesso é xaxado, forró e acarajé

Sacode meu povo para mostrar como é que é
A Bom Sucesso é xaxado, forró e acarajé

Negras memórias, memórias de negro, negro de África. Áfricas do Brasil

(Composição: Zeca Swinguinho – Bom Sucesso, 2008)

Sob a lua de Luanda
Hoje eu quero sacudir
A Bom Sucesso é liberdade
Bate forte o teu tambor
Ilê-Ifé é majestade

Navegou, a Negritude abençoada
Ungida pelo manto consagrada
Tumbeiros de uma Nação
Raízes da nossa criação
Berço do Samba, a natureza
Cultura Banto aporta aqui
Congo, angola, guerreiros e minas
Capoeira hoje quero aplaudir

Urunmila vem revelar
A plenitude pra encontrar
Aos orixás eu peço axé
Nos terreiros cantam e dançam o candomblé

Meus prantos, as senzalas ouviram
Reis e Rainhas surgiram
Pra defender os quilombos, da escravidão
Negro fonte de inspiração
Ganga Zumba Zumbi, anjos negros de luta
Consciência que vem, tem arte na “juta”
Maracatú e o balanço caxambu
Agô meu pai, proteja este povo varonil
Vermelho e branco é a África-brasil

A Lua e o Folclore. Cairé e Catiti e a magia das deusas das águas

(Composição: Baddy – União da Vila, 2008)

Canta meu povo canta
A vila vai festejar
É dia santo
O doce yabá Janaina Iemanjá.

Cairé e catiti convidam
Para bailar
É lua cheia.
Brincar na areia.
É hora de navegar

Nossa Senhora dos Navegantes
Abençoe a pescaria.

É carnaval e a vila trás pro povo
Esta magia.

Os indígenas bravios
Eram devotos da lua
Conta uma lenda Inay
Do amor da lua por cairé e catiti

Cairé rude malvado
Nada lhe dava a comer
E por medo da lua trair
Manda um monstro a lua engolir

Catiti. Moço. Valente
Vence a luta contra o mal
E faz a lua ressurgir
Ficar cheia para brilhar
No carnaval.

Negros. Índios portugueses
Em lenda. Como herança
Contam que a lua
Se fez mulher

Cresceu, morreu. Voltou
Criança
E hoje de norte a sul
Vamos festejar
Bailando pra lua
Levando flores para saúde
A Odoia Iemanjá

Ouçã o canto de um Brasil miscigenado e tropical

(Composição: Paulinho da Imperadores, Maria da Graça dos Santos e Grupo de Harmonia de Santa Maria – União da Vila, 2010)

Ouçã o canto de um Brasil miscigenado e tropical
Com a minha Vila eu vou ô, ô
Tu és o meu canto de amor
Sou azul e branco com alegria
És minha escola do povão, a mais querida!

A antropologia fez áreas culturais
Do monte Caburaí ao Chuí
Dança, folclore, festa e magia popular
Bailado à capoeira, afoxé e frevo
Bumba meu boi, maracatu ao caiapó!

Ó linda sereia do mar omio
Minha mãe Yemanjá
A lavagem do Bom Fim
Esta crença de algumas religiões
Grande festa na Bahia de todos os santos
Nas águas do meu pai Oxalá

Meu Brasil miscigenou e transformou
 A mistura de todas as raças
 Índios, brancos e negros
 Formam a cultura dessa terra tropical!

Boi mamão
 Cai, cai balão
 Cai aqui na minha mão
 Pula fogueira de São João
 E canto com a minha mão no coração

No carnaval
 Pierrôs e colombinas a sorrir
 Lança confetes e serpentinas.
 Oh! Abram alas a União que vem aí!
 Hoje e canto a cultura popular!
 Eu sou da Vila nessa festa milenar

Palmares, sonho de um quilombo

(Composição: Guedi do Bandolim – Acadêmicos do Chalaça, 2012)

Canta Chalaça
 Seu estandarte azul e branco vai
 Brilhar
 És uma linda estrela
 Na avenida a desfilar
 E o quilombo dos Palmares exaltar

Vem viver um sonho amor
 E viajar a África mãe
 O sofrimento do povo negro
 No passado vou deixar
 E viver... em um mundo novo
 De amor e paz
 A escravidão o tempo não apagará
 Por toda a eternidade essa mancha
 Vai ficar
 Nas senzalas ainda se ouve o canto
 Em louvação aos Orixás

E no quilombo dos Palmares
 A liberdade conquistar
 E a união de todas as raças
 Quero esse sonho realizar

E o negro... sempre forte e guerreiro
 No coração um sentimento
 De muita fé e devoção
 Nos seus deuses
 Dos celestiais Reis Negos (sic)
 Pelo país inteiro
 Sua crença se espalhou
 Suas culturas

Seus festejos suas danças
 Foi como um sonho de criança
 O sofrimento terminou
 E...
 O Acadêmico vai celebrar
 Palmares em nossa memória ficar
 E a nossa chama
 Jamais se apagará

Nasci do pecado, dos sete pecados me criei – Sou azul e branco pecador na Avenida sou rei
(Composição: Paulo Almeida e Vini do Bando – União da Vila, 2011)

Vem no calor da bateria, vem sambar
 Vem ver mistérios e magias
 A preguiça não vai me segurar
 Vou mergulhar
 Vou mergulhar, nadar bem fundo
 Vou procurar até encontrar
 Os pecados obscuros deste mundo

É na passarela nossa escola vem mostrar
 Com garra muito orgulho, ouçam a União cantar
 Brilhando no palco do samba
 Os sete pecados nossa inspiração

Vamos cantar e encantar esta cidade
 E carnaval vou cobiçar bem a vontade
 Vem no calor da bateria, vem sambar
 Bem ver mistérios e magias
 A preguiça não vai me segurar

No giro da baiana eu vou cantar
 Este samba e verdadeiro
 Pra afastar o mau – olhado
 Vou tomar banho de água de cheiro

Adão e Eva vão entrar no carnaval
 A ganância desperta a riqueza
 Na explosão de novo
 A vila vai entrar
 Espantando toda esta tristeza

Chalaça apresenta: a África chega ao país do samba

(Composição: Conrado Laurindo, Fred Inspiração, Ricardo Abraham e Wilian Tadeu – Acadêmicos do Chalaça, 2014)

Ecoa o som do tambor
 Batuque que enfeitiçou
 Da África, trouxeram na pele o amor
 Àquele sagrado chão
 Que um dia a ambição escravizou
 Firme como um baobá, nãoos e calou (ôô ôô)
 Ôô... saudade que veio de lá
 A dor que mareja o olhar
 Cruzando o mar de Iemanjá...
 Iemanjá... Iemanjá!!

Tem congada, maculelê pra dançar
 Quando a alma se tornar... brasileira!
 A senzala virou xirê, vem rodar
 Berimbau vai tocar... vapoeria!

Semente que a luta negra germinou
 Pelos quilombos se espalhou
 Cruzando os séculos, batalhas sem cessar
 Trazendo, de Ogum, o sangue guerreiro
 De Xangô, o machado justiceiro
 E a aura cristalina de Oxalá
 Gostoso é provar do teu tempero
 Dentro desse tabuleiro, tem quitutes pra iaiá
 Lá no terreiro, feijoada e mugunzá
 A mistura que fascina, não tem hora pra acabar
 Samba é a voz do meu povo, é minha raiz
 Gingado de gente faceira, paixão cultural de um país

Ë axé! É axé! Meu povo pede axé!
 É a luz de quem é batizado na fé
 No canto da raça, sacode a massa
 A vibração do meu Chalaça

Negra Gjinga Rainha Ngola Símbolo de uma Raça

(Composição: Victor Nascimento – Bambas da Orgia, 2014)

Africanamente ela surgiu
 Da Matamba para o mundo
 Um caminho abençoado
 Kimbadeiros feiticeiros profetizaram

Reina N'jinga para o povo
 Acende a chama da liberdade

Em tempos da cor da pele
 Uniu pompa e requinte
 Venceu a diplomacia e um império a explorar
 Escolhida por M'bandi a paz foi negociar

Quilombola de Angola com sangue guerreiro nas veias
 Seu cortejo vai passar
 Vem a lua de Luanda iluminar o terreiro
 Ouve o batuque a ecoar

Milagrosa conversão buscou para seu reino a luz divina
 Firmava aliança com as armas inimigas
 Renunciou o Espírito Santo
 Ostentava em seu harém
 Fatura e riqueza governava como um rei
 Herança que singrou mares, resistiu mares, resistiu à dor
 Alimentando o sonho dessa gente
 Que hoje canta em seu louvor
 Eparrei Oyá deusa dos raios que me guia vem abençoar
 O seu reinado está presente na avenida
 “Gingando” a te exaltar

Mãe negra rainha eu peço axé
 Ao som do tambor pra levantar poeira
 Chegou meu Bambas da Orgia e nessa hora
 Ninguém fica parado com o rufar da verde e rosa

Salve Chalaça! Salve Jorge! Ogum-nhê!

(Composição: Conrado Laurindo, Fred Inspiração, Ricardo Abraham e Willian Tadeu – Acadêmicos do Chalaça, 2015)

Nasceu... de berço nobre e de sangue guerreiro
 Ungido de poderes, marcas recebeu
 No braço, empunha a espada da justiça
 Cidade em labaredas sucumbiu
 Do pranto da donzela, coragem pra lutar
 Com a lança, vence a fera ao luar

Venha ver... na sua fé eu sou mais um
 Venha ver... sou cavaleiro de Ogum

Na honra do meu padroeiro
 Me amparo na força do Santo Guerreiro

É mito, é crença, Cultura popular
 História que inspira canções a embalar
 “Fiel” justiceiro me guia
 Tatua na alma poesia
 E o povo vai seguindo a procissão
 Jorge, a cara da gente
 Que vive contente mesmo na batalha
 Olho pra lua e sei
 Que encontrarei a fé que não falha

Ogunhê, meu pai
 Meu quilombo vai
 Com as mãos para o céu, fazer oração
 Chalaça canta em sua louvação

A Academia do Samba Cohab I com o bater de seus tambores no mesmo compasso dança índios, brancos e negros, é Carnaval

(Composição: Vinicius Machado (Vinydacor), André Rosa, Nando do Cavaco, Mamau de Castro, André Filosofia, Diley Machado e Xandinho Nocera – Academia de Samba Cohab I, 2015)

No batuque do tambor, OOO
Academia de Samba eu sou
Celebrando a miscigenação
Em verde e branco baila o meu coração

Vem na ginga da dança solta o corpo e balança
O meu povo é raça, é Brasil
Sopra o vento traz a pureza
Dança o índio na natureza
A tribo em festa sacudiu
Singrando oceanos surge o colonizador
Na bagagem a cultura que aflorou
Nos bailes, um convite para dançar
Reis e rainhas a se acabar
Era o país a “sambar”

Mãe negra seu filho é pura tradição
Na força da fé, muito axé, louvação
Oi gira o corpo pra saudar seu orixá
Ogunhê meu pai Odoya Iemanjá

Uma nova era despontou
Enfim chegou a democracia
Nas ruas, a luz de uma nação
Findava a opressão, em um novo dia
Na dança eterna da memória
Um clima de sedução
Amores que marcaram história
Unindo às raças em comunhão
E hoje, tem frevo, quadrilha, lambada
Capoeira, reggae e funk lata embalando geral
O nosso povo que vive a lutar
Que vale ouro e vem brilhar na passarela
Do meu carnaval

ANEXO II

ANO	ESCOLA DE SAMBA	COMPOSITOR	SAMBA ENREDO
2000	S.E.R.C. BOM SUCESSO	JORGE MEDEIROS (GINHO)	UMA VIAGEM À CRIAÇÃO DO UNIVERSO
2000	S.B.C UNIÃO DA VILA	ROVALDO E. DUTRA	TRIBUTOS AOS ORIXÁS
2000	ESCOLA DE SAMBA ÁGUA DOURADA	JARDELINO PACHECO	O GRANDE RIO
2000	S.E.R.C.B. BAMBAS DA ORGIA	ALA DOS COMPOSITORES	O JARDIM É UM PARAÍSO
2000	ESCOLA DE SAMBA PARTICULARES DO RITMO	PAOLO LUCAS DE CARVALHO E BOBBY DI FREITAS	A LENDA DA BEIRA DO RIO
2000	S.R. GAROTOS DA BATUCADA	RUTH CUSTÓDIO E BOBBY DI FREITAS	DORINHO: “UM GAROTO BATUCADA”
2000	ERA DE AQUÁRIOS	APARECIDA MUSKOPF	BRASIL 500 ANOS
2000	ESCOLA DE SAMBA PANDEIRO DE PRATA	XAVECO E BOBBY DI FREITAS	BRASIL – 500 ANOS - BRASIL
2000	S.C.B. IMPERADORES DO SAMBA	NEGO, PAULO, LINDOMAR E ZECA	IMPERADORES ATÉ MORRER
2000	ESCOLA DE SAMBA MOCIDADE INDEPENDENTE	JOEL SOUZA DOS SANTOS, JÚNIOR E GUEDE	AQUI SÃO OUTROS QUINHENTOS
2001	S.B.C UNIÃO DA VILA	CÉSAR DE CAMARGO	DEUSES IORUBÁS
2001	ESCOLA DE SAMBA ACADÊMICOS DO SOL	GILSON CARDOSO	HOMENAGEM AO GRANDE PAI OXALÁ
2001	S.E.R.C.B. BAMBAS DA ORGIA	BOBBY DI FREITAS	TERCEIRO MILÊNIO: UMA ODISSEIA DE AMOR E PAZ
2001	S.R. GAROTOS DA BATUCADA	BOBBY DI FREITAS	MEIO AMBIENTE, PRESERVAÇÃO DA VIDA
2001	S.E.R.C. BOM SUCESSO	GINHO	BOM SUCESSO CANTA E DANÇA 2030 MISTÉRIO DE UMA NOVA ERA
2001	ESCOLA DE SAMBA MOCIDADE INDEPENDENTE	JOEL SOUZA DOS SANTOS E BOBBY DI FREITAS	W.W.W. MOCIDADE E A GLOBALIZAÇÃO
2001	ESCOLA DE SAMBA ÁGUA DOURADA	JONATAS SOUZA DA SILVA	AMOR, CHARME E SEDUÇÃO
2001	S.C.B. IMPERADORES DO SAMBA	ALBERTO SONTES	DO SOPRO DE UMA DEUSA DO OLIMPO À CRIAÇÃO DO UNIVERSO
2001	ERA DE AQUÁRIOS	APARECIDA MUSKOPF E JOÃO LOPES	ERA DE AQUÁRIOS: UM NOVO MILÊNIO
2001	ESCOLA DE SAMBA PANDEIRO DE PRATA	XAVECO E BOBBY DI FREITAS	RÁ! O ASTRO REI, REI SOL
2002	S.R. GAROTOS DA	-	UMA VIAGEM PELO

	BATUCADA		BRASIL, RETRATO DE UM POVO.
2002	S.B.C UNIÃO DA VILA	-	UM RIO QUE GEROU PROGRESSO E HOJE MORRE NO DESCASO DE SUA PRÓPRIA CRIAÇÃO
2002	ESCOLA DE SAMBA ÁGUA DOURADA	-	AS MIL E UMA NOITES
2002	ESCOLA DE SAMBA ACADÊMICOS DO SOL	-	DEUS DO SOL
2002	IMPERADORES DO SAMBA	-	DO RODEIRO AO CARNAVAL, DA JORNADA AO FESTIVAL A CULTURA DE UM POVO CONTADA EM VERMELHO E BRANCO
2002	S.E.R.C.B. BAMBAS DA ORGIA	-	NÃO É BOM QUE HOMEM ESTEJA SÓ. FAR-LHE-EI UMA COMPANHEIRA
2002	S.E.R.C. BOM SUCESSO	-	JORGE AMADO NO PAÍS DO CARNAVAL, JORGE AMADO NO BRASIL
2002	ESCOLA DE SAMBA ERA DE AQUÁRIOS	-	DO LIXO AO LUXO
2002	MOCIDADE INDEPENDENTE	-	MOCIDADE 100% É PAZ SEM FOME
2003	S.C.B. IMPERADORES DO SAMBA	JORGE AUGUSTO VARELLA	O GRANDE CIRCO MÍSTICO
2003	S.R. GAROTOS DA BATUCADA	BOBBY DI FREITAS E OSNI ROSA	GAROTOS DA BATUCADA 50 ANOS
2003	ESCOLA DE SAMBA ACADÊMICOS DO SOL	VINÍCIUS DA SILVA MACHADO	O MUNDO PERDIDO
2003	S.E.R.C.B. BAMBAS DA ORGIA	BOBBY DI FREITAS, JOSÉ ANTONIO TEDESCO E VINÍCIUS DA COR	TRIBUTOS A MAURÍCIO SIROTSKY SOBRINHO
2003	S.E.R.C. BOM SUCESSO	GINHO	BOM SUCESSO NO BERÇO DO SAMBA
2004	ESCOLA DE SAMBA ÁGUA DOURADA	JARDEL PACHECO	O GRANDE GUERREIRO
2004	S.B.C. UNIDOS DE PASSO FUNDO	RUTH CUSTÓDIO E GUEDEI DO BANDOLIN	CALENDOSCÓPIO DA VIDA
2004	S.E.R.C.B. BAMBAS DA ORGIA	JORGE LUIZ ANNELES MEDEIROS (GINHO) E EDINELSON ROCHA DA SILVA DOS SANTOS (GUEDEI)	UMA DOCE VIAGEM AO MUNDO DA FANTASIA
2004	ESCOLA DE SAMBA ERA DE AQUÁRIOS	MESTRE MANECO E RAMON DA SILVA	ENCANTOS E MISTÉRIOS EM TERRAS DA DEUSA AMAZÔNIA
2004	S.E.R.C. BOM SUCESSO	ARILSON	OS SETE PECADOS

		TRINDADE, CLAUDINHO SANDRINHO GESSÉ	CAPITAIS
2004	S.B.C. UNIÃO DA VILA	BADDY, LALO E MARIA DA GRAÇA	VIVER A VIDA COM ALEGRIA, A VILA FAZ A FOLIA
2005	S.E.R.C. BOM SUCESSO	ARILSON TRINDADE, CLAUDINHO SANDRINHO GESSÉ	A MAGIA ATRAVÉS DOS TEMPOS NO ENCANTO DA BOM SUCESSO! ... DIGITAR O SAMBA
2005	S.B.C. UNIDOS DE PASSO FUNDO	LUÍS FERNANDO LIMA E EDSON ATHAYDE	CANDOMBLÉ, UMA FESTA AFRO-BRASILEIRA DIGITAR O SAMBA
2005	S.E.R.C.B. BAMBAS DA ORGIA	GUEDI DO BANDOLIN E MESTRE NERI	BAMBAS DA ORGIA RESSURGE DAS PROFUNDEZAS DO MAR O REINO PERDIDO DE ATLÂNTIDA
2006	S.E.R.C. BOM SUCESSO	FELIPE GRIZOSTE E LUIS ANDRÉ NUNES	NOS BRAÇOS DE UM POVO ARRETADO A BOM SUCESSO MOSTRA O NORDESTE E CAI NO XAXADO
2006	ESCOLA DE SAMBA PANDEIRO DE PRATA	BOBBY DI FREITOS	EGITO, ADORADORES DO SOL
2006	S.E.R.C.B. BAMBAS DA ORGIA	GUEDI DO BANDOLIN, MESTRE NERI E MESTRE GINHO	NO PICADEIRO DA VIDA, NOSSA ATRAÇÃO PRINCIPAL, BAMBAS DA ORGIA A BRINCAR NO CARNAVAL
2006	S.B.C. UNIÃO DA VILA	BALDOÍNO FRANZEN E MARIA DA GRAÇA DOS SANTOS	FÊNIX DO MITO À REALIDADE
2007	ESCOLA DE SAMBA PANDEIRO DE PRATA	BOBBY DI FREITAS	HOMENAGEM A MANOEL JOSÉ DAS NEVES
2007	S.E.R.C. BOM SUCESSO	ZECA SWINGUINHO, TABAJARA ORTIZ E RENATO DEMÉTRIO	BOM SUCESSO CANTA E SAMBA PASSO FUNDO 150 ANOS
2007	S.E.R.C.B. BAMBAS DA ORGIA	BOCÃO, VINI DA COR E ZÉ TEDESCO	MAS AFINAL, QUAL É A COR DO TEU CARNAVAL?
2007	S.B.C. UNIÃO DA VILA	MARIA DA GRAÇA DOS SANTOS, BADDY, MESTRE NERY E GINHO	SESQUICENTENÁRIO DE PASSO FUNDO, UMA VIAGEM FANTÁSTICA PELA ESQUECIDA REDE FERROVIÁRIA, E O CASSINO DA MAROCA, NA OBRA DE RUTH SCHNEIDER
2008	S.E.R.C. BOM SUCESSO	ZECA SWINGUINHO	NEGRAS MEMÓRIAS, MEMÓRIAS DE NEGRO, NEGRO DE ÁFRICA.

			ÁFRICAS DO BRASIL
2008	S.B.C. UNIÃO DA VILA	BADDY	A LUA E O FOLCLORE. CAIRÉ E CATITI E A MAGIA DAS DEUSAS DAS ÁGUAS
2008	S.E.R.C. ACADEMIA DE SAMBA COHAB I	GINHO, GUEDI E MESTRE NERI	O ENCANTO, A BELEZA, A MAGIA DA RAINHA DAS ÁGUAS
2008	ESCOLA DE SAMBA PANDEIRO DE PRATA	BOBBY DI FREITAS	SEPÉ TIARAJÚ E OS SETE POVOS DAS MISSÕES
2008	S.E.R.C.B. BAMBAS DA ORGIA	VINICIUS DA COR	A CONQUISTA DE UM SONHO BAMBAS
2009	S.E.R.C. ACADEMIA DE SAMBA COHAB I	-	A VERDADEIRA COMUNHÃO ENTRE O CRIADOR E A CRIAÇÃO
2009	S.E.R.C. BOM SUCESSO	-	GLÓRIA DO DESPORTO NACIONAL – CEM ANOS DO CLUBE DO POVO DO RIO GRANDE DO SUL, INTERNACIONAL
2009	S.E.R.C.B. BAMBAS DA ORGIA	-	A MISTURA DE PAPONÊS COM SAMBA DEU BAMBAS NOS 100 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA
2009	S.B.C. UNIÃO DA VILA	-	CARNAVAL EM PASSO FUNDO, UMA DOCE FANTASIA – VISCONDE ONDE ESTÁ VOCÊ?
2009	ESCOLA DE SAMBA PANDEIRO DE PRATA	-	CLAREOU... NESTE PALCO A ALEGRIA SE CHAMA CARNAVAL
2010	S.E.R.C. BOM SUCESSO	ZECA SWINGUINHO	VENTURIS VENTIS BRASÍLIA DA ALVORADA DE UM SONHO À INTEGRAÇÃO NACIONAL
2010	S.E.R.C.B. BAMBAS DA ORGIA	PAULO ALMEIDA LOPES	HISTÓRIA DO CARNAVAL
2010	S.B.C. UNIÃO DA VILA	PAULINHO DA IMPERADORES, MARIA DA GRAÇA DOS SANTOS E GRUPO DE HARMONIA DE SANTA MARIA	OUÇA O CANTO DE UM BRASIL MISCIGENADO E TROPICAL
2011	S.B.C. UNIÃO DA VILA	PAULO ALMEIDA E VINI DO BANDO	NASCI DO PECADO, DOS SETE PECADOS ME CRIEI – SOU AZUL E BRANCO PECADOR NA AVENIDA SOU REI
2011	ESCOLA DE SAMBA MIRIM SEMENTE DO SAMBA	JALCI DA CRUZ, FABIANO LENGLER E GUILHERME CRUZ	GERMINADO CONCIÊNCIA E ALEGRIA
2011	ESCOLA DE SAMBA PANDEIRO DE PRATA	BOBBY DI FREITAS	BRANCA DE NEVE
2011	S.E.R.C.B. BAMBAS DA	JOSÉ ANTÔNIO	SAMBANDO E CANTANDO

	ORGIA	TEDESCO E VINICIUS MACHADO	E SEGUINDO A CANÇÃO, VEM VAMOS EMBORA COM OS BAMBAS DA ORGIA CANTAR O BRASIL NA FESTA DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA!
2011	S.E.R.C. BOM SUCESSO	ZECA SWINGUINHO	BOM SUCESSO, 40 ANOS DE GLÓRIAS
2011	S.E.R.C. ACADEMIA DE SAMBA COHAB I	GUEDI DO BANDOLIN	ACADEMIA CONTAGIA NESSE MUNDO DE MAGIA COM MÁGICO DE OZ
2012	S.E.R.C. BOM SUCESSO	WILLIAM TADEU, BOKAUM E GUIDO DO CAVECO	TRINTA ANOS DA RÁDIO UIRAPURU
2012	S.E.R.C. ACADEMIA DE SAMBA COHAB I	GUEDI DO BANDOLIM	ALÔ ACADEMIA NÃO DEIXA O SAMBA MORRER
2012	S.B.C. UNIÃO DA VILA	PAULO ALMEIDA E VINI DO BANJO	A NOITE, SEUS MISTÉRIOS E SEDUÇÃO
2012	S.E.R.C.B. BAMBAS DA ORGIA	VINICIUS MACHADO E JOSÉ TEDESCO	A INFLUÊNCIA DOS SIGNOS NAS QUATRO ESTAÇÕES DO ANO
2012	S.E.R.C.ACADÊMICOS DO CHALAÇA	GUEDI DO BANDOLIN	PALMARES, SONHO DE UM QUILOMBO
2013	S.E.R.C.B. BAMBAS DA ORGIA	-	DIVERSIDADE DOS POVOS DE PASSO FUNDO AO RIO GRANDE DO SUL
2013	S.E.R.C.ACADÊMICOS DO CHALAÇA	-	UM CANTO DE FÉ EM AZUL E BRANCO NO BRASIL DE TODOS OS SANTOS
2013	S.E.R.C. UNIDOS DA OPERÁRIA	-	UM SONHO DE CRIANÇA COLORINDO A AVENIDA
2013	S.E.R.C. BOM SUCESSO	-	JOÃO NINGUÉM E OS VOLUNTÁRIOS DA PAZ NOS QUATRO CANTOS DO MUNDO NA MAGIA DA BOM SUCESSO
2013	ESCOLA DE SAMBA PANDEIRO DE PRATA	-	“MAGDA CAVALHEIRO” A ESCOLA DE SAMBA PANDEIRO DE PRATA VEM TE FAZER UMA HOMENAGEM, MULHER GUERREIRA QUE SEMPRE DEFENDEU COM MUITA RESPONSABILIDADE O QUE MAIS GOSTA DE FAZER “CARNAVAL”
2013	S.E.R.C. ACADEMIA DO SAMBA COHAB I	-	A ACADEMIA MAIS UMA VEZ, COM FORÇA DE UM SORRISO CANTA E CONTA “ERA UMA VEZ”
2013	S.E.R.C.B. BAMBAS DA ORGIA	-	A MISCIGENAÇÃO, O SURGIMENTO DE UM POVO, AS ETNIAS QUE FORMARAM O RIO GRANDE

			DO SUL E SUAS DIVERSIDADES CULTURAIS
2013	S.B.C. UNIÃO DA VILA	-	NÃO CHORES POR MIM ARGENTINA – A VILA CANTA EVITA, A MÃE DO POVO
2014	ESCOLA DE SAMBA PANDEIRO DE PRATA	PAULO ALMEIDA, GUEDI DO BANDOLIM E VINICIUS DO BANJO	SOLEDADE TERRA DAS RIQUEZAS NATURAIS, A ESCOLA DE SAMBA PANDEIRO DE PRATA TE FAZ ESTA JUSTA HOMENAGEM POR LEVAR O NOME DO RIO GRANDE DO SUL PARA O MUNDO
2014	S.E.R.C.ACADÊMICOS DO CHALAÇA	CONRADO LAURINDO, FRED INSPIRAÇÃO, RICARDO ABRAHAM E WILLIAN TADEU	CHALAÇA APRESENTA: A ÁFRICA CHEGA AO PAÍS DO SAMBA
2014	S.B.C. UNIÃO DA VILA	FLÁVIO PEDROSO, GUARACY PEDROSO, LILIAN E RONALDO	A MAGIA DO PERFUME NA TRAJETÓRIA DA UNIÃO DA VILA
2014	S.E.R.C. ACADEMIA DO SAMBA COHAB I	MARCELO DEMÉTRIO E SAMIR TRINDADE	ACADEMIA DO SAMBA COHAB I APRESENTA: O MUNDO DA COMUNICAÇÃO
2014	S.E.R.C.B. BAMBAS DA ORGIA	VICTOR NASCIMENTO	NEGRA GJINGA RAINHA NGOLA SÍMBOLO DE UMA RAÇA
2014	S.E.R.C. UNIDOS DA OPERÁRIA	VINICIUS SILVA E ÉDER OLIVEIRA	A CONQUISTA DO TIGRE NA GUERRA DE TRÓIA
2014	S.E.R.C. BOM SUCESSO	PAULO ALMEIDA E GUEDI DO BANDOLIM	É GOL 2014 A COPA DO MUNDO É NOSSA
2015	APAE	MARLON BATISTA MORAES E BERNARDO LARA	APAEXONADOS PELA VIDA
2015	ESCOLA DE SAMBA PANDEIRO DE PRATA	PAULO ALMEIDA E GUEDI DO BANDOLIM	UM SONHO DE VOAR QUE SE TORNOU REALIDADE, A ESCOLA DE SAMBA PANDEIRO DE PRATA CONTA A HISTÓRIA DO AERoclUBE DE PASSO FUNDO
2015	S.B.C. UNIÃO DA VILA	FLÁVIO PEDROSO E LILIAN	NÃO DEIXE MORRER A CRIANÇA QUE EXISTE EM VOCÊ
2015	S.E.R.C. UNIDOS DA OPERÁRIA	VICTOR NASCIMENTO	O TIGRE É PURA EMOÇÃO
2015	S.E.R.C. ACADÊMICOS DO CHALAÇA	CONRADO LAURINDO, FRED INSPIRAÇÃO, RICARDO	SALVE CHALAÇA! SALVE JORGE! OGUM-NHÊ!

		ABRAHAM WILLIAN TADEU	
2015	S.E.R.C. ACADEMIA DO SAMBA COHAB I	VINICIUS MACHADO (VINYDACOR), ANDRÉ ROSA, NANDO DO CAVACO, MAMAU DE CASTRO, ANDRÉ FILOSOFIA, DILEY MACHADO E XANDINHO NOCERA	A ACADEMIA DO SAMBA COHAB I COM O BATER DE SEUS TAMBORES NO MESMO COMPASSO DANÇA ÍNDIOS, BRANCOS E NEGROS, É CARNAVAL
2015	S.E.R.C. BOM SUCESSO	EMANUEL MAURICIO OLIVEIRA DOS SANTOS	NO MUNDO MÁGICO DA ALEGRIA, VEM BRINCAR COM A BOM SUCESSO.
2015	S.E.R.C.B. BAMBAS DA ORGIA	BRUNO MARTINS E PAULINHO DURAÃO	BAMABAS DA ORGIA COM A PROTEÇÃO DA SANTA SARA E FALANGES CIGANAS EM DIA DE FOLIA

